

Biblioteca do Mosteiro Provincial
do Bom Pastor no Rio de Janeiro
162

1077



Rio de Janeiro

Tradução

das circulares que enviou às
suas queridas filhas





REVDA. MADRE MARIA JOSÉ BUTLER

*Superiora Geral da Congregação das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie", falecida
a 23 de Abril de 1940*



THE UNIVERSITY

102

REVDA. MADRE MARIA JOSÉ BUTLER

Superiora Geral da Congregação das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie"

Tradução

das circulares que enviou às
suas queridas filhas

POR UMA DAS RELIGIOSAS DA CONGREGAÇÃO

EDITORA GETULIO COSTA

Rua Teófilo Otoni, 42 — Caixa Postal, 1829

RIO DE JANEIRO

Nihil obstat.

Rio, 7 de Abril de 1941.

PADRE JOÃO BAT. DE SIQUEIRA.

Imprimatur.

Rio, 7.5.1941.

MONS. R. COSTA RÊGO, V. G.

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

“Aqueles que ensinarem a justiça aos que a ignoram brilharão no Céu como estrelas”.

Um encargo que é uma honra e uma consolação, o que me confiou a nossa Revda. Madre Provincial de traduzir para o vernáculo as cartas circulares da Revda. Madre Maria José Butler, Superiora Geral do Instituto do “Sacré-Coeur de Marie”, no período de 1926 a 1940, quando faleceu, a 23 de Abril.

A elevação e segurança da doutrina espiritual dessas epístolas, sagradas para nós, não a tenho de apreciar eu; estão patentes no modo como foram tratados os assuntos, todos de relevante interesse no estado religioso e adaptados carinhosamente ao quadro de nossa vida no “Sacré-Coeur de Marie”.

Tocavam-nos profundamente a alma, quando, ao iniciar de um novo ano, nos traziam de longe a mensagem divina pela nossa querida Mãe e Superiora Geral, entusiasmando-nos, unindo-nos num mesmo pensamento, numa mesma orientação, num mesmo espírito sobrenatural, através os diferentes países em que estamos estabelecidas, alimentando-nos até na oração, estimulando-nos à

união divina, à perfeição da virtude, ao ardor do apostolado.

A última foi um clamor doloroso de sua alma para as nossas almas, preludiando a grande dor para ela de partir, deixando-nos; para nós, de a perdermos, oráculo a apontar rumos a trilhar, asilo de bondade a acolher.

Não nos furtaremos à consolação de um relance pela sua vida que teve algo de semelhança ao sol, aumentando em luz até ao zenite; mas que não decresceu lento, a declinar no poente. Envolveu-a, ainda em plena claridade, a sombra da guerra e o choque horrífico das lutas catastróficas em campos queridos, abalando-lhe inteiramente a alma, abateu-lhe as forças, não lhe resistindo o coração materno. E assim a perdeu o seu querido Instituto...

Natural da Irlanda, terra de fé, onde nasceu em 22 de Julho de 1860, cedo a levaram santas inspirações a procurar em França o “Sacré-Coeur de Marie”, para se consagrar a Deus.

Recebeu-a, a 26 de Abril de 1877, o nosso venerando Fundador, ainda vivo, e orientou-lhe, ele mesmo, a formação. O tempo passado na Casa-Mãe onde pronunciou os Votos a 22 de Abril de 1880, prendeu-a de tal modo a esse berço querido de sua vida religiosa que comparou o sacrifício de o deixar para o trabalho das fundações, em 1883, às heróicas ações dos santos. Perguntando-me se tinha gostado da Casa-Mãe, à resposta de que a saudade me pungira mais tempo do que o em que lá passei, replicou: “Eu senti tanto deixá-la que, lendo pouco depois a vida da grande Teresa, tive a ingenuidade de pensar que já era

outra Santa Teresa, tanto minha despedida me pareceu heróico sacrificio.”

Algo de semelhante à Santa Reformadora do Carmelo caracterizava-lhe a personalidade, feita para irradiar e conquistar para o Cristo.

Foi amada como mestra e depois como Superiora. Alma de grandes possibilidades, as realizações acompanhavam-lhe os passos. No Colégio, mestra, a influência nas almas no trabalho educativo; o bom gosto e brilho das festas de arte, nas solenidades escolares. Superiora, as obras: com o colégio, retiros para senhoras, a escola gratuita “S. José”, já em Braga. Depois na vastidão dos Estados Unidos, o impulso a extensos empreendimentos. Foram duas grandezas a se atraírem: a de sua alma larga, aberta, ativa e a do campo imenso a que a Providência a conduzira. E’ só abrir os anais da Congregação, na grande República de Washington, para lhe admirar a obra, sem exageros gigantesca. Duas fundações, quando da sua partida para lá, em 1903, como superiora de uma escola paroquial: esta e um colégio na Diocese de Broocklyn. Hoje, são nove estabelecimentos do “Sacré-Coeur de Marie”, entre os quais, Marymount-College em Tarryton-on-Hudson perto de New York em situação invejavel, numa das mais belas paragens dos Estados Unidos, é talvez o melhor colégio católico feminino do país. Marymount-in-the-West de Los Angeles, a Academia em Fifth Avenue, New York City, e outros estabelecimentos nascidos do seu espirito empreendedor seguem os passos de Marymount-College, no alargamento dos programas de estudos e das instalações.

Mas a sua alma católica, por disposição da Providência, ia ainda ampliar a sua ação. Vagan-

do o cargo de Geral do Instituto do “Sacré-Coeur de Marie” com a morte da inesquecível Madre Santa Constância, a eleita foi a Rvda. Madre Maria José Butler, conhecida de toda a Congregação.

Compreensiva das necessidades da educação moderna, cujos problemas estão num crescendo de complicações em nossos dias, sentindo, cada vez mais temerosas, as ameaças à juventude e à Religião, animou em todos os países o movimento de expansão de nossas obras, ouvindo a voz da Igreja a clamar pela mobilização das forças espirituais. Em França, Inglaterra, Portugal, Estados Unidos, Brasil, Italia sentiram-se os efeitos do seu gênio impulsionador em numerosas fundações, no aperfeiçoamento da técnica escolar e nas instituições complementares da ação educativa dos colégios, sob todos os aspectos: físico, intelectual, social, moral e religioso. Os grêmios desportivos e científicos, as academias lítero-artísticas, os círculos de estudos ou conferências, as Associações de Filhas de Maria, o trabalho pró-Missões, os retiros, a Ação Católica, tudo isto conservou, aconselhou aprovou, inaugurou ou desenvolveu nos colégios do “Sacré-Coeur de Marie”. Ampliou ou elevou a formação de suas Religiosas, fundando mais Noviciados (nos Estados-Unidos, no Brasil, na Irlanda) ou facilitando-lhes a frequência de Universidades. Compreendeu o ritmo da civilização, nos diferentes países, acompanhando-o nos reajustamentos e progressos exigidos pelo bem das almas. Sabia que o Novo Mundo é uma civilização “em ser”, de dinamismo genético, que atua numa imensidade de recursos materiais, aberto à imigração dos povos e à incursão de idéias. Entendia-lhe as exigências da educação, bem diversas

das do Velho Mundo, civilização secular, hoje dificultada por ideologias demolidoras e abalada pelos conflitos sociais de toda a espécie.

Dai, a criação das Províncias que, com a fundação de Roma, são os seus maiores títulos de glória, capazes de permitir aproximar-nos sempre mais da harmonia perfeita da educação católica: tradicional, nos seus princípios — para nós, hauridos em Roma e na Casa-Mãe; — universal nos seus meios, enriquecendo-se com as novas modalidades educativas, reclamadas pelas nações em que estamos estabelecidas.

E' a catolicidade do espírito de Cristo e da Igreja. Outrossim a do nosso Fundador, que se interessava por todas as obras e queria estender seu Instituto a todas as nações, o que equivale ao elogio da sua plasticidade. Teria deixado de ser católico, se não possuísse a virtude de vivificar, com a mesma seiva da graça, todo o trabalho apostólico da Congregação, em meio aos variados aspectos psicológicos dos diversos povos entre os quais se fixou.

A alma humana é sempre a mesma, nas suas necessidades profundas e na sua ânsia de Deus. As modificações derivadas das influências mesológicas, quer se refiram ao meio físico — situação geográfica, influências hereditárias — quer ao meio moral: culturas diversas, atavismos, isolamento ou fácil internacionalismo de relações — são de ordem accidental. No íntimo, os povos se compreendem. Que espetáculo bellissimo, o dessas grandes Ordens Religiosas cujos membros, oriundos de todas as partes do mundo, se confraternizam perfeitamente. Inteligências largas e perspicazes, abrangem o panorama humano, na variedade dos

seus hábitos sociais, de suas civilizações e na unidade de sua origem e de seus fins. Podem, por conseguinte, imitar perfeitamente a Cristo e a todos levar a palavra de salvação. Assim se me afigurou a Revda. Madre Maria José Butler, côncia dos nossos problemas, como dos países em que viveu, animadora das obras do Brasil, como das nações em que diretamente atuava. Por isto, a orientação geral que deu ao Instituto fê-lo adiantar-se muito para o seu fim, na unidade intencional da maior glória de Deus, e na multiplicidade de meios para a santificação dos seus membros e a salvação das almas. “Salvação e aperfeiçoamento da humanidade e maior glória de Deus condicionam-se numa solidariedade objetiva indivisível”, diz um dos nossos grandes pensadores.

Mas citemos, para terminar, o perfil que da Revda. Madre Maria José Butler traçou uma pena americana, sob o título : Uma grande personalidade.

“Exercendo a autoridade desde a idade de 20 anos, a Madre Geral adquiriu um conhecimento variado e completo, com a experiência ampliadora dos anos. Lia na natureza humana como em livro aberto; não lhe ignorava os caprichos e compreendia-lhe a limitação, contudo, por amor a Cristo, Senhor nosso, era compassiva e sabia relevar-lhe as fraquezas.

Nos assuntos de alta importância como nos mais insignificantes que se lhe apresentassem, sempre mostrou o mesmo juízo acertado. Havia bondade na sua expressão, no seu acolhimento, em toda a sua pessoa. As crianças procuravam-na

com simplicidade ingênua; os adultos, com franqueza confiante. Alta, graciosa e digna, seu sorriso aquecia, suas palavras inspiravam confiança. Cheia de vida, amava tudo na natureza; flores, árvores, passarinhos: O botão mais pequenino era-lhe uma revelação da beleza incomparável de Deus. Como São Francisco, reservava sempre um lugar especial para as flores e plantas, cujo suave perfume e aspecto lembram à alma a Eterna Perfeição.

Na sua personalidade magnética, havia humildade e encanto que atraíam os corações a amá-la. Ninguém mais grata do que ela ao menor favor; ninguém, menos compenetrada de sua posição e direitos. Sua alma sensível, vibrante de entusiasmo e afeto, difundia harmonias com arrebatador efeito.

Com uma coragem nascida da humildade, não conhecia obstáculos no cumprimento da Vontade do Mestre. “Posso tudo n’Aquele que me conforta”: eis uma frase que poderia exprimir com verdade o motivo básico da vida de Madre Butler. O amor de Deus era-lhe a própria existência; Seu Sagrado Corpo e Sangue, sustento. Nunca perdia a Santa Missa diária e a Comunhão, mesmo quando, como aconteceu nos últimos anos, foi obrigada a fazer longas viagens exaustivas e chegava a seu destino já tarde. Estava sempre em jejum e disposta a percorrer a cidade, à procura duma igreja onde pudesse assistir à Santa Missa e se alimentar do Pão dos Anjos.

Tinha devoção especial a Nossa Senhora das Virgins, e, ao chegar a Paris, prostrava-se durante horas em oração silenciosa deante de seu altar. A seu Padroeiro, S. José, dirigia-se em todas as

ocasiões com a singeleza de uma criança inteiramente confiante.

Acostumada desde os primeiros anos a falar Francês, amava-me as ricas cadências, através das quais procurava um contacto mais íntimo com os Fundadores da Congregação e seus primeiros membros. Mostrou sempre desejo ardente de que todas as suas filhas aprendessem e amassem esta bela língua.

Nenhum perfil da Madre Butler seria completo, sem a devida apreciação de sua natureza artística “Ah! que vous avez de bon goût!” exclamava a Reverenda Madre Sta. Constância, ao visitar Marymount e ao ver as simples e ao mesmo tempo finíssimas concepções de seu rico espírito. Quer se tratasse do traçado de um canteiro de rosas ou do desenho de um belo vitral policromático, era o mesmo bom gosto que dirigia tudo.

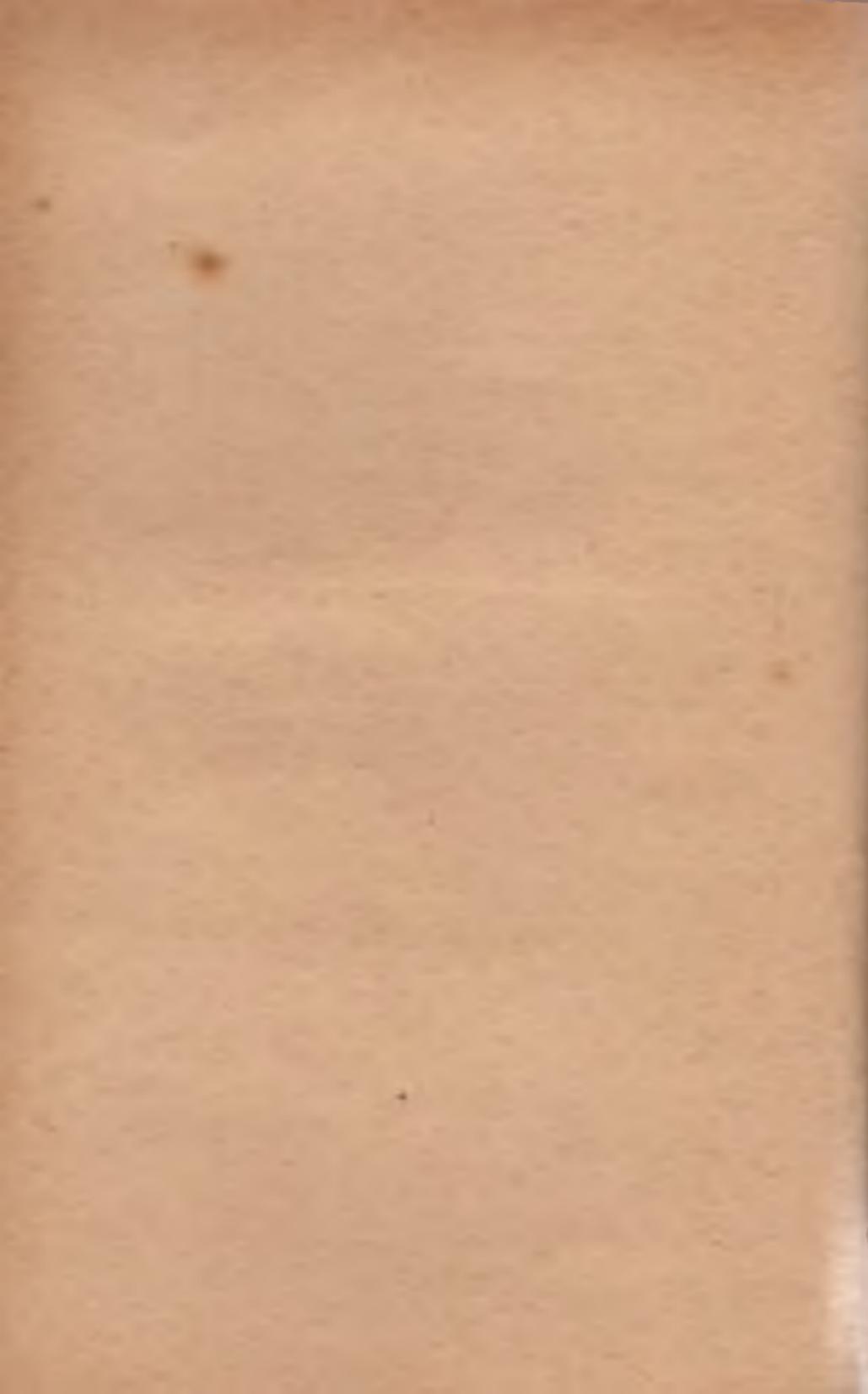
Na apreciação da música, Madre Butler era também perita. As sacras composições de Palestrina e Gounaud, exalando sublimidades celestiais, elevavam-lhe a alma sensível até Deus. Gostava de Mozart, Beethoven e Chopin. Sabia seguir-lhes os compassos mais intrincados, com notável sensibilidade a cada matiz de interpretação.

Com flexibilidade perfeita, a sua rica voz de contralto adaptava-se às frases complicadas dos oratórios de Schubert.

Gostava sobretudo de cantar os louvores de Deus”.

Circular do ano de 1927

O SANTO SACRIFICIO DA MISSA



Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1926.

Minhas muito queridas Irmãs e boas Filhas:

O que é o sol, rei dos astros, para o nosso universo que ilumina, embeleza e fecunda, é-o mais ainda, a Santa Missa, para o mundo espiritual da alma. Tudo deriva desse augusto sacrifício, para ele tudo converge: é a fornalha que vivifica nossa santa Religião; é o Calvário perene com todas as suas graças a expandir-se pelo mundo inteiro.

Não podendo permanecer na Cruz até ao fim dos séculos, que alívio para o Coração de Jesús perpetuar seu sacrifício em nossos altares onde Se constitue Vítima permanente, não cessando de enriquecer-nos com seus méritos!

Se tivéramos fé, pudéramos ver com os olhos da alma, no instante solene da Consagração, encarnar-Se novamente o Verbo de Deus entre as mãos sacerdotais, sustendo os raios da cólera divina prestes a estalar sobre a nossa terra inundada de crimes. Porque eis o que representa a Santa Missa: um Deus Vítima que a Deus glorifica, que Lhe agradece e implora, a favor de suas criaturas inermes e revoltadas. Uma só Missa mais glória proporciona a Deus que os atos de virtude dos anjos e dos homens juntos. Ela traz, além disto,

mais graças a uma alma do que todos os outros exercícios de devoção!

Mas como assistir eficazmente à Santa Missa? Parece que o nosso lugar de Religiosas do “Sacré-Coeur de Marie” deve ser ao lado da Santíssima Virgem que continua, junto do altar, o ofício desempenhado no Calvário. De pé, junto á Cruz, nossa Mãe divina unia-se à Santa Vítima, reproduzia-Lhe as adoráveis disposições e, por Jesús-Cristo, com Jesús-Cristo, em Jesús-Cristo, glorificava a Deus, agradecia-Lhe os benefícios e oferecia o Sangue de Jesús em expiação dos pecados destas filhas do seu Sagrado Coração.

Tentemos imitar nossa divina Mãe, quando assistimos à Santa Missa. Sobretudo do “Sanctus” à Comunhão, expulsemos qualquer pensamento estranho ou inútil. Abismemo-nos no silêncio, adoração, reconhecimento e amor! Depois da elevação, recitemos a preciosa oferenda e coloquemos a nossa alma sob a chaga do Divino Coração, para que a purifique o Sangue que dEle jorra; aproveitemos das graças do Calvário, recolhamos-lhe os benefícios espirituais que nos são destinados e só nos serão concedidos na medida da nossa piedade. Digamos a Deus: “Senhor, sou insolvente; para vos pagar, porem, as minhas dívidas, tenho o altar; “tomarei o Calice de Salvação e a Hóstia de propiciação”; oferecer-Vos-ei vosso divino Filho transformado em minha Vítima e, à vista dEle, libertar-me-eis, perdoar-me-eis, encher-me-eis de vossas bençãos!”

E, terminando, tomemos a resolução de dedicar à Santa Missa uma estima proporcional ao seu valor, de a colocar acima de qualquer outra prática de devoção e de assistir a ela diariamente com

■ máxima reverência possível. E, quando não pu-
■ermos estar presentes a tão augusto ato de nossa
■anta Religião, enviemos pelo menos nossos bons
■ijos. para ocupar-nos o lugar aos pés de Jesús;
■ramo-nos com toda a alma aos Sacerdotes que
■cessar imolam a Vítima Santa, em algum
■lar longínquo do universo.

Penetradas do sentimento de afetuosa grati-
■ão, ofereceremos quotidianamente durante este
■so, no ato de assistência ao Santo Sacrifício, uma
■ciosa intenção por alma da nossa querida e sau-
■da Reverenda Madre Santa Constância, cuja re-
■cordação está tão viva em nossos corações.

Como nos anos precedentes, continuaremos as
■voções de uso no Instituto, sobretudo a novena
■ncisal para alcançar boas vocações.

Vossa muito dedicada em Jesús Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral



Circular do ano de 1928

OS SANTOS DESEJOS



OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1927.

Minhas muito queridas Irmãs e boas Filhas:

Quantos cristãos há, aliás inteligentes e experimentados nos caminhos de Deus, que não suspeitam nem de longe a imensa riqueza sobrenatural encerrada nos santos desejos!

E a prova do que afirmo, temo-la nos contínuos e quase universais gemidos de uma multidão de almas excelentes, dedicadas ao bem, mas que, abismadas no sentimento de sua impotência e abatidas ante o pequeno resultado de seus esforços na pratica da virtude, se recolhem tristes em si mesmas, dizendo: "Nada posso, não faço nada, não sei amar nem servir a meu Deus tão bom".

Verdadeiramente bem limitado é o nosso poder e, entregue às próprias forças, nada tão estéril como a nossa pobre natureza! Consolemo-nos, porém: a graça divina proporciona à nossa fraqueza um suplemento fecundo, excitando-nos a produzir, senão frutos de atos heróicos, pelo menos, flores de fervorosos e *santos desejos*. Para compreender o valor destes últimos, lembremo-nos de que vivificam a alma, enobrecem-na e a santificam, na medida de sua sinceridade, veemência e multiplicidade.

. Ora, haverá exercício mais facil e mais ao alcance de todos? “Meu Deus, não sinto o vosso amor, mas quanto desejo amar-Vos! Meu Salvador, estou crucificada pela doença ou encadeados vejo os meus transportes; não poderei trabalhar para a Vossa glória, mas essa adorada glória, quero-a, desejo-a; aspiro em meu ardor conseguir que todos os seres, em uma só voz, cantem triunfalmente vossas perfeições infinitas! — O’ meu Jesús-Hostia, abandonam-Vos, traem-Vos ou Vos saturam de ignomínias em vossos tabernáculos! não posso permanecer junto de Vós, a adorar-Vos sem interrupção; que ao menos meu coração, aos Vossos pés, arda continuamente em desejos de se consumir, em espirito de reparação!

E assim, sob mil formas diversas, a alma piedosa, amante, pode expressar santos desejos, alimentar-se de anseios celestes, oferecer incessantes homenagens à infinita Beleza, crescer em méritos, levantar-se para a perfeição, tornar-se a êmula dos anjos.

A alma de boa vontade e a alma de desejos são irmãs e sobre elas recai a palavra celestial: “Pax! Paz aos homens de boa vontade!” Finalmente, esta disposição preciosa atrai-nos as predileções do Senhor: “Daniel, diz a Escritura, foi agradável a Deus, porque era um homem de desejos”.

Nosso Deus é tão indulgente que se digna aceitar nosso simples desejo de agradar-Lhe, de O amar e servir, como se imediatamente chegássemos a realizá-lo. Não Lhe recusemos tão facil homena-

e não nos queixemos de nossa incapacidade para o bem. Multipliquemos os santos desejos e um dia lhes veremos a realização, como esse bom Religioso Franciscano que, ansiando obter ardente amor a Deus, não cessava de repetir, caminhando ao trabalho habitual através do mosteiro: “Meu Deus, eu Vos amo! meu Deus, eu Vos quero amar!” No fim de sete anos, o amor divino incendiou-lhe o coração: viveu e morreu como um serafim.

Nada, entanto, nos provará melhor a eficácia dos santos desejos e seu poder sobre o Coração de Jesus, do que a passagem seguinte da vida de Santa Margarida Maria: Um dia em que desejava ardentemente comungar, não tendo podido: “Meu Jesus, disse, já que não me foi possível receber-Vos, passarei ao menos o dia inteiro a desejar-Vos.”

Eis a resposta do Salvador Misericordioso: “Minha filha, tão suavemente me comoveu o Coração teu desejo que, se não tivesse instituído a Santa Eucaristia, a inventaria, para descer à tua alma”.

Sendo o amor divino o mais precioso dos bens, não cessemos de o desejar e multipliquemos, tão frequente quanto possível, esta piedosa aspiração, confiando ao nosso bom Anjo o cuidado de a depor aos pés de Nosso Mestre:

“Eu Vos amo, ó Jesús! venha vosso amor ferir-me!
E possa eu, por Vós, de amor sempre consumir-me!”

Como nos anos precedentes, continuaremos as devoções de uso no Instituto, sobretudo a novena mensal para obter boas vocações. Diremos os

cinco “Pater”, “Ave” e “Gloria Patri”, bem como a oração: “Eis-me aqui, meu bom e dulcíssimo Jesús”, pelo repouso das almas do purgatório, mormente pelas almas de todas as Religiosas falecidas em nosso querido Instituto.

Vossa Mãe muito dedicada em Jesús Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral

Circular do ano de 1929

**“ADQUIRIR O AMOR DE DEUS PELA FI-
DELIDADE À VIDA COMUM E AOS ATOS
DE AMOR”**

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1928

“Amai a Deus, diz Sto. Agostinho, e fazei o que quizerdes”. Ah! enquanto possuirmos o divino amor, seremos quase impecaveis; porque, como a um tempo amar e ferir ou pelo menos contristar o objeto amado? “Meu peso, diz ainda o mesmo Doutor, é o meu amor! Eis o que me inclina, impele, arrasta! Meu amor determina ainda o meu valor; pesarei, diante de Deus, tanto quanto O conseguir amar!”

O amor é tão nobre que constitue a ocupação e a paixão de um Deus; é o cume da perfeição, a beatitude na terra, e esperamos, será um dia, para nós, a do céu; em uma palavra, o amor é o proprio Deus: *Deus é caridade.*

Mas quem nos dará o amor senão Aquele que é a fonte e plenitude da caridade: o Coração amantíssimo e dulcíssimo de Jesús?

“Quem tem sede venha a Mim e beba!” — Sim, Mestre, porque a sede nos devora! Iremos a Jesús, a essa fonte “que jorra para a vida eterna”, afim de nela haurir o amor. Iremos ao seu Coração, Fornalha incandescente, onde nos abrasaremos à chama de uma ardentíssima caridade e, vinte vezes, trinta vezes ao dia, digamos a Jesús: “Meu Bem-Amado. Meu Senhor amantíssimo, concedei-me o vosso amor”!

Depois de ter desejado e aspirado ao amor, depois de lhe produzirmos ardentes atos, esforçarmos-nos por em amor transformar nossas mesmas ações. Possam as palpitações do coração, cada uma das aspirações nossas clamar a Jesús: “Eu Vos amo!”

Eis os gemidos das mais santas almas: “Ah! tanto queria amar a Nosso Senhor e não sou senão gelo junto dEle!” Caras almas, o desejo de amor já é amor, pois só se acende este fogo e sobretudo se conserva no coração, com a condição de ser alimentado com incessantes pequenos sacrificios! Demos a Deus sem reserva, Ele nos retribuirá sem medida!

Não nos contristam, por ventura, muitas vezes, ah! nossas faltas de fragilidade tão repetidas? Escapam-nos, é certo, mas temos um meio de nos purificar imediatamente: fazer um bom ato de amor. Como o fogo à palha, reduzirá a nada essas numerosas imperfeições que só o fogo do purgatório teria o poder de consumir um dia.

Sta. Margarida, na escola do Divino Coração, tão fortemente se abrasou na divina caridade que se comprazia em repetir estas belas palavras: “Ter amor é tudo possuir!” — Digna filha de seu Bemaventurado Padre S. Francisco de Sales, transformada pelo amor divino em serafim e a exalá-lo nestes termos: “Amá-lo ou morrer! Ou o amor ou a morte!...”

Nada mais glorioso para Deus, nada mais proveitoso para nós do que multiplicar muitas vezes os atos desta nobre virtude. Sobretudo nada consola tanto o Salvador bem querido! Ele é só amor! Só solicita o nosso amor! Dá-nos todo o Seu amor! Os homens ingratos, no entanto, só Lhe pa-

zam com frieza, indiferença, esquecimento: “Meu Coração não espera senão ultrages e dores!”

Como esposas fieis, é nosso dever reparar tantas ingratições, vingar o Amor desconhecido, consolar o Amor ferido. E como curar as feridas do Amor a não ser com o amor?

Minhas queridas irmãs, rivalizemos, portanto, em energia e constância, para provar nosso amor ao bom Jesús, por meio de uma fiel observância da *vida comum* e de nossas *Santas Regras* e depois, praticando com o mesmo fim muitos atos de amor. Nada mais fácil do que ir dizendo entre as ocupações da existência esta simples frase: “O’ Jesús-Amor, dai-me o vosso amor!” Repitamos também uma vez entre outras o ardente transporte de Santo Agostinho: “O’ Amor que não sois conhecido! O’ Amor que não sois amado! fazei-Vos conhecer, fazei-Vos amar!”

Como nos anos precedentes, faremos uma novena, do 1.º ao 9.º dia de cada mês, para obter boas e numerosas vocações. Orações para a novena: seis vezes “Pater” “Ave” e “Gloria”, em honra da Imaculada Conceição, pelas almas do Purgatório.

Vossa irmã dedicada em Jesús-Cristo

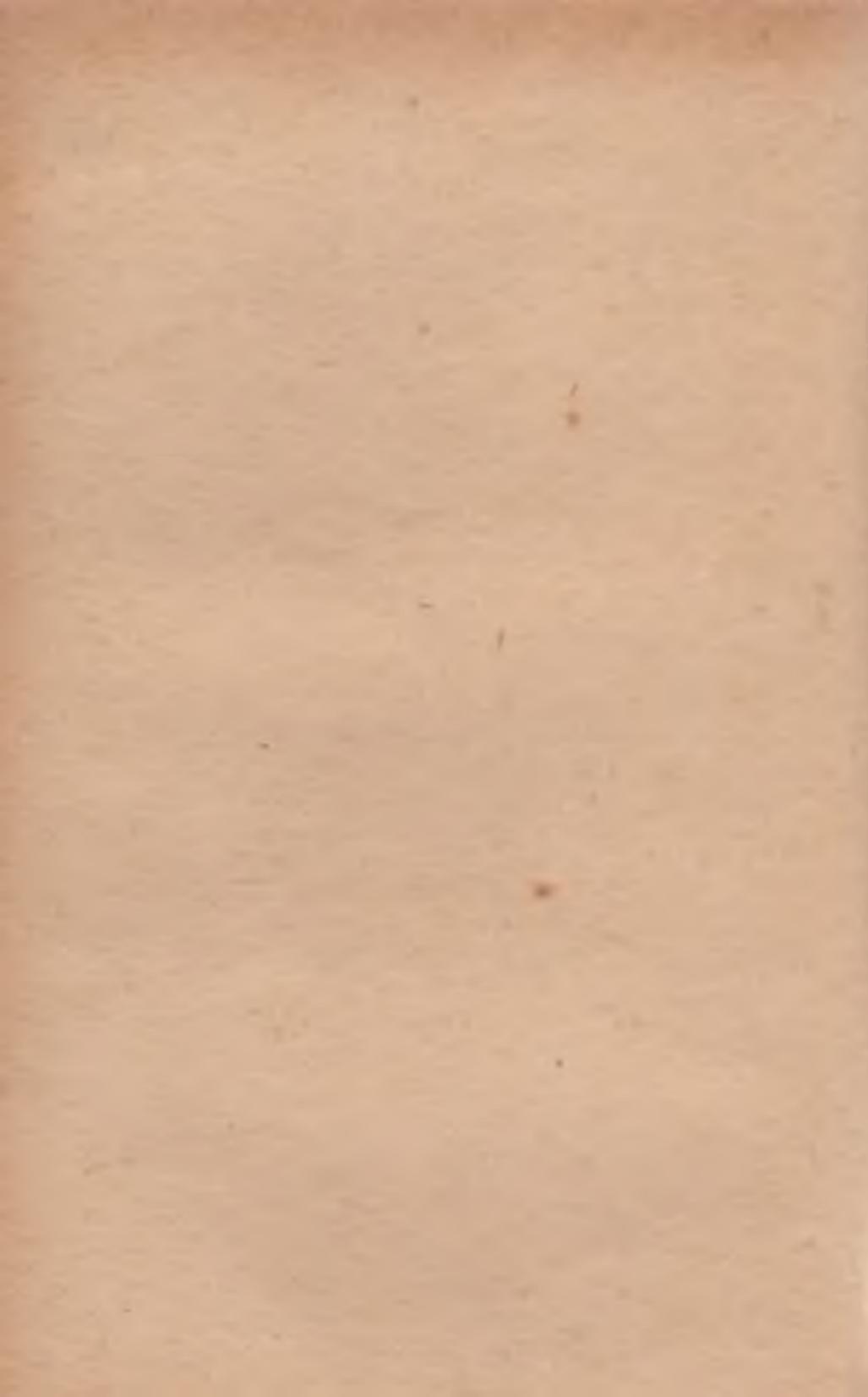
MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral



Circular do ano de 1930

O ESPIRITO DE MORTIFICAÇÃO



OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1929.

Minhas muito queridas Irmãs:

E' dura esta palavra: E' preciso mortificar-se. É preciso morrer cada qual a si mesmo! "Mas não é meritória esta morte!" pois é condição necessária à bela e grande vida sobrenatural que deve animar toda a verdadeira religiosa! Aceitemo-la, pois queridas Irmãs, resolutamente, e ponhamo-nos à obra. As tristes consequências da falta de mortificação acentuam-se cada dia mais na sociedade, nas famílias e até nas casas religiosas. Perdeu-se o vigor do carater; cedem os homens aos menores obstáculos, abatem-se em meio às lutas. Se a mortificação é de rigor para nós reprimir o mal e fazer predominar o bem, não o é menos, para entrarmos nos caminhos perfectos, para neles nos mantermos, progredir e chegar à santidade. Eis porque, nós, religiosas, devemos contrair o hábito de nos mortificarmos e praticá-lo sem interrupção!

Um dia exclamou Nosso Senhor, dirigindo-se à turba: "Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a cruz e Me siga!" Está encerrado o código inteiro da mortificação nessas divinas palavras. E não serão suas esposas que não

de fugir do bom Mestre: elas, não somente O querem seguir, mas escoltá-lo de bem perto!

Porem em que deverão renunciar a si mesmas? Em tudo, diz o autor da Imitação: *nas pequenas cousas como nas grandes*. Temos tanto que corrigir, mortificar, em nossa triste natureza! Querem os olhos tudo ver, os ouvidos tudo ouvir, a lingua falar tudo. Satura-se o espirito de notícias, a memória de recordações agradaveis, o ser inteiro aspira à vida natural, confortavel; à ociosidade, ao descanso. Numa palavra, à vida do *eu* que mata a verdadeira vida, a da alma! Que vasto campo, aberto à mortificação! É todo um mundo de vãs satisfações a reprimir, a matar a alfinetadas, se queremos decididamente dominar-nos e, sobretudo, fazer reinar Jesús nesse nosso dominio interior!

Mas não nos amedrontemos. Se é rude a tarefa, é certo que propociona, a quem se lhe dedica, compensações deliciosas e até encantadoras surpresas. Nada tão doce como os frutos colhidos da árvore espinhosa da mortificação e isto, sem dúvida, porque o bom Mestre não se deixa vencer em generosidade: a quem Lhe dá sem reservas, retribue sem medida e, sobretudo, entrega-se à alma, como prêmio de sua vitória.

A fronte radiosa dos santos traduz os castos inebriamentos, que lhes traz essa luta incessante contra si mesmos. Eis o momento de os imitar, minhas queridas irmãs. Assemelhando-nos a eles, lutaremos e venceremos. Alem das penitências que a Santa Igreja impõe a seus filhos, faremos jejuar nossos sentidos, nossa curiosidade, o apêgo ao nosso bem-estar e sobretudo o nosso coração. É preciso que cada hora do dia conte uma vitória

alcançada ao mau humor, às susceptibilidades, impaciências, repugnâncias, aos nossos defeitos habituais. Se nos vigiarmos com cuidado, teremos a ventura de verificar que a alma é quem manda e o corpo quem obedece. Ora, é somente pela mortificação que a alma reina, domina, dirige.

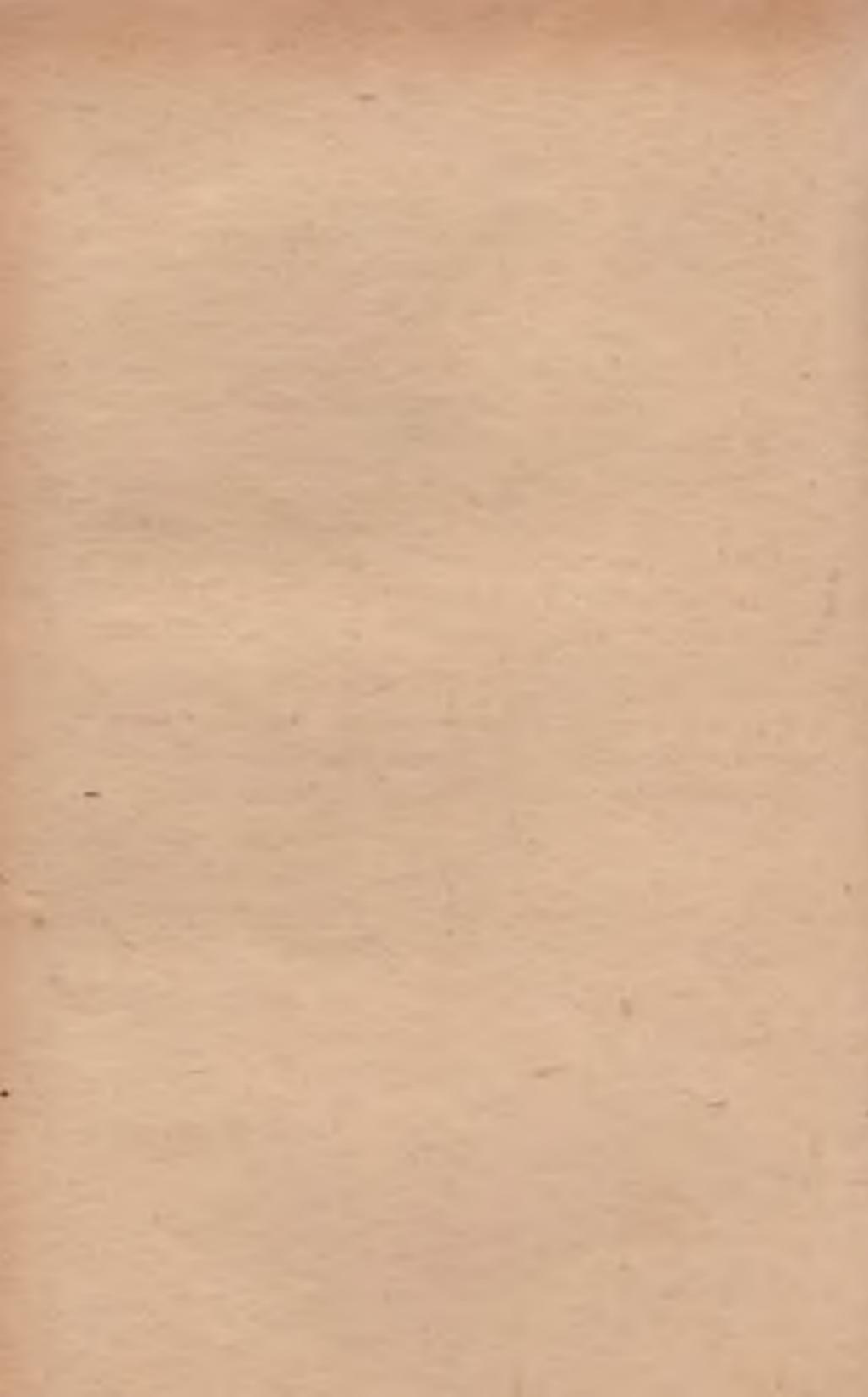
Ao trabalho, pois, minhas queridas irmãs! Disse-nos um Santo Sacerdote, durante o retiro, que a razão do pequeno número de vocações religiosas em nossos dias reside no fato de não mais praticar, a maioria das Comunidades, as penitências corporais. Ainda que os possuam, disciplinas, cilícios, etc. estão bem guardados nas gavetas... Repito, pois, minhas queridas irmãs: "Demos a Deus sem reserva, e Ele nos retribuirá sem medida".

Continuaremos a novena para obter boas vocações e nesta intenção rezaremos os cinco "Pater", "Ave" e "Gloria" em honra das cinco chagas e ainda a oração: Ó bom e dulcíssimo Jesús, etc.

Vossa muito dedicada em Jesús Cristo

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral



Em 1930, não foi sómente a carta circular que veio renovar-nos a vida fraterna do "Sacré-Coeur de Marie" e identificar nos mesmos sentimentos e pensamentos, suas numerosas comunidades, espalhadas em tão diferentes países onde nos colocou a Providência.

As Bodas de Ouro da nossa querida Madre Geral, mais do que nunca, em torno dela nos reuniu e conservou os corações. A ativar afetos e lembranças, de todas as nações partiram os delicados presentes comemorativos e da Casa-Mãe nos veio a relação das solenidades que tornaram inolvidavel esta feliz e significativa data.

E' esta relação que aquí interrompe a sequência das circulares anuais da nossa Reverenda Madre Geral, como um tributo a mais de nossa veneração e carinho à sua memória.

FESTA DAS BODAS DE OURO

de nossa mui Reverenda Superiora Geral,
MADRE MARIA JOSÉ BUTLER

22 de Abril de 1930.

Bézier — Casa-Mãe.

Desde a véspera, cada grupo da casa se sucederam deante da Reverenda Madre, para lhe apresentar os votos e felicitações.

A Comunidade, o Noviciado, o Colégio, o Orfanato, as jovens funcionárias, pensionistas no convento, tiveram audiência, cada qual por sua vez, com saudações particulares, cantos de festa, ramilhetes espirituais, flores.

De Cambrai, trouxe a Superiora uma linda saudação que foi repetida com profundo enternecimento pela primeira noviça Cambraiense. Tinham sido dispostos com gosto os numerosos presentes em mesas e cavaletes, na “grande sala” de reunião, empavezada com as bandeiras de todas as nações onde o Instituto tem colégios e ornamentada de plantas e flores. Podiam-se admirar as alvas, os véus de cibório, palas, grande variedade de bordados preciosos, objetos de arte. Cambrai, Ganges, Vallon, Portugal, Neuilly aí esta-

vam representados com seus presentes numerosos e artísticos.

Alem disto, ofertava a Casa-Mãe uma bela fotografia ampliada da veneranda Jubilar, assim como um apartamento particular independente, com gabinete de trabalho, quarto de dormir e banheiro.

O presente de Nosso Senhor foi a fundação da casa de Roma de cuja compra se recebeu comunicação, por telegrama vindo da Cidade Eterna, no próprio dia das Bodas de Ouro.

Do estrangeiro, numerosos telegramas trouxeram de longe felicitações. Salientemos o do Nosso Santíssimo Padre, o Papa; de Sua Eminência, o Cardeal Vannutelli, Protetor do Instituto, do Eminentíssimo Cardeal Hayes, Arcebispo de New-York, e de Sua Excelência Reverendíssima, D. Cantwell, Bispo de Los Angeles, na Califórnia. As saudações e ramilhetes espirituais, copiados pelas noviças em pergaminhos ornados de delicadas iluminuras, foram oferecidos à nossa Revda. Madre, que os levou para os Estados Unidos, como recordação de tão belo dia.

Na manhã seguinte, inaugurou as festividades a Missa de Comunhão geral, celebrada pelo Monsenhor Diretor das Obras Diocesanas, às intenções da Revda. Madre Geral. Melodiosos cantos, recordando a felicidade da vida religiosa e dos Santos Votos, alternavam com “partituras” de Orgão do mais belo efeito, elevando as almas na oração. As 10 horas, chegava de carro o Senhor Arcebispo de Montpellier, para honrar com sua presença a festa que tomara a peito tornar solene. Aos acordes majestosos do orgão executado por Sr. Salery, afamado organista de Notre Dame de Tarbes, Sua

Excelência Reverendíssima foi ocupar o trono que lhe havia sido levantado à direita do altar. A capela, esplendidamente ornamentada e adornada com fino gosto, foi pequena para conter a numerosa e distinta assistência que nela se acotovelava, enquanto o coro, ocupado pelos Cônegos, oferecia aos olhos a impressão das grandes solenidades.

Foi celebrada pelo Revmo. Capelão a Missa solene e cantada em gregoriano pelas noviças cujas vozes, cristalinas e belas, subiam, qual puro incenso, para o Céu.

Depois do Evangelho, o Senhor Arcebispo tomou para texto do seu sermão as palavras: “Sejam dadas graças a Deus pelo seu dom infavel!” “Haec dies...” “Esta festa é uma festa íntima, começou a desenvolver sua Excelência Reverendíssima, “providencialmente encerrada no quadro das solenidades pascoais, cuja significação própria reside no reconhecimento. Compreendo: em sua humildade, aquela que a motiva teria desejado cebrá-la na íntima união do coração com o Coração Divino; mas não se impunha a necessidade de publicar essas Ações de Graça em que todos aqui tomamos parte?

Ações de Graças de suas Filhas: não estão todas presentes, mas, pelo coração e ardentes preces, unem-se a nós, afim de erguer a Deus, em uníssonos conosco, o hino de gratidão.

Ações de Graças das Antigas Alunas que compreendem o benefício da vida cristã, dessa educação que, segundo as palavras do Introito, as penetrou de sabedoria.

Ações de graças da parte do Clero, que aqui se acha dignamente representado. Ele compreende todo o bem que faz a educação cristã e o au-

xílio dado à sua ação sacerdotal por essa vida religiosa consagrada ao ensino. Associam-se ainda a esta festa o Cardeal Vannutelli, Protetor da Congregação, e o Cardeal Arcebispo de New-York. Estimando tanto aquela que festejamos, são felizes em agradecer a Deus conosco. Mas podemos levantar mais nossos olhares: Em telegramma, Nosso Santo Padre, o Papa, declara “que concede do fundo d’alma, como penhor das graças celestes, especialíssima Benção à Veneranda Jubilar e a toda a sua Congregação”.

I — O reconhecimento transborda-nos dos corações, pela dignidade incomparavel de que se reveste a nossa Veneranda Jubilar. Graças sejam dadas a Deus, pelo dom magnífico que lhe concedeu de cinquenta anos de vida religiosa.

Diz Ollier que há no mundo dois prodígios: a Santíssima Virgem e o Padre. Mas, depois e bem perto, é preciso colocar o religioso, a religiosa. Apresenta a Igreja, acima de qualquer outro, o estado religioso, estado sublime e nobre de uma tríplice nobreza: a nobreza do espírito, a nobreza do coração, a nobreza da vida.

Dizemos primeiramente que o estado religioso faz a nobreza de espírito que consiste, dentro de certos limites, na ciência, mesmo a ciência profana. Basta consultar o passado, para verificarmos o que neste sentido ela produziu. Os religiosos possuem esta ciência profana tanto ou mais que os outros. Acima, porem, da ciência profana, está a ciência de Deus, a ciência da fé, a ciência teológica e esta é apanágio do espírito religioso: Basta citar os nomes de Santo Thomaz de Aquino e de S. Boaventura. A alma religiosa deve ter mais do que os outros a ciência da religião, visto

constituir para ela uma fidalguia nova. Superior à ciência profana e à ciência da fé, há outra: a ciência da contemplação, a ciência da oração, da fé elevada ao grau supremo. É a sabedoria, que consiste em percepções profundas de Deus, o que só se obtém pela oração. A oração é como a essência do estado religioso; é a alma religiosa uma profissional da oração. Devendo submergir-se na luz de Deus, deve ser alma de oração.

Depois da nobreza do espírito, faz o estado religioso a nobreza do coração. Santo Agostinho indicou a nota característica desta nova elevação: a grandeza, a dignidade, que se medem pela escolha das afeições.

Desta palavra cheia de sentido, não se poderiam deduzir os três estados de perfeição? Ela nos conta que a vida religiosa é uma vida muito nobre, porque é vida de caridade. Afirma-se isto do episcopado e do sacerdócio, mas a vida religiosa coloca a alma numa sorte de estado de caridade desenvolvida sem cessar pelos três votos que afastam os obstáculos opostos à vida de caridade, para lhe permitir atingir-lhe o cimo. A caridade para com Deus, antes de tudo, mas ainda a caridade para com o próximo, porque a vida religiosa é uma vida de dedicação.

Mas nós acrescentamos uma terceira nobreza: a nobreza da vida. A propósito de uma questão de procedência, Nosso Senhor disse a seus discípulos: “Aquele que quer ser o primeiro, que se faça o último e o servo de todos”. “Não vim para ser servido, mas para servir”.

Podemos concluir destes ensinamentos do Mestre que uma vida será tanto mais nobre quanto mais se aproximar da caridade do Cristo. Não é

verdade que a vida religiosa, consagrada à oração, aos exercícios da caridade, deve ser maior, mais nobre que qualquer outra? Temos disto prova nas obras de zelo que empreende. Nesta Congregação, as obras visam o serviço de Deus no próximo. Este serviço visa a infância, a juventude, o que não custa poucos sacrifícios. A vida de oração reclama numerosas imolações, e o serviço do próximo requer, por sua vez, sobretudo se neste serviço se quer chegar até à dedicação: dar o tempo, os pensamentos, todo o ser, deixando-se de algum modo comer como hóstia.

II — Deste modo decorreram os cinquenta anos da nossa veneranda Jubilar. Permitir-me-eis, para ser mais completo, passar rapidamente em revista os diferentes graus de serviços que prestou à Congregação.

Foi a 22 de Abril de 1880 que fizestes, minha querida Filha, vossa profissão religiosa. Vinda da longínqua Irlanda, dessa Irlanda fértil em vocações, para vos dedicardes à obra da educação da juventude e receber esta dignidade do estado religioso, fostes enviada a Portugal e, no Porto, a 22 de Abril de 1880, o Padre Gailhac, Fundador, presidia em pessoa à emissão de vossos Santos Votos, o que constituiu uma grande graça para vós. S. Revcia. assim vos ligava à obra magnífica com que havia dotado a diocese de Montpellier e a cidade de Béziers, obra que considero como seu mais precioso adorno.

Durante um certo número de anos, fostes professora. Enviada a Braga, primeiro como mestra das alunas maiores, depois, assistente e enfim, superiora, atraistes a estima geral. Foi lá que conhecestes o Nuncio Apostólico, D. Vicente Vennu-

telli, elevado a Cardeal e depois, Protetor da Congregação.

A atmosfera de Portugal correspondia ao vosso zelo, porque Portugal pode gloriar-se deste espírito apostólico que o impeliu a estender até às paragens mais remotas sua colonização, não somente por motivos econômicos, mas ainda com intenções missionárias. Vossos empreendimentos nesse país prosperaram, o que é certamente uma feliz recordação para vós. Em 1903, após vinte e três anos de permanência em Portugal, fostes mandada para os Estados Unidos, afim de fundar e organizar uma nova Casa. Neste ponto, se quisesse deixar-me arrastar pelas minhas impressões pessoais, muito teria que dizer, porque pude verificar em pessoa a prosperidade desse estabelecimento.

Foi, pois, para corresponder ao apelo do Arcebispo de New-York, Sua Eminência o Cardeal Farley, que desejava fundar um colégio católico, e com o auxílio do vosso primo, Sr. James Butler, extraordinário homem de bem, que iniciastes vossas obras na América. Dotastes Marymount de perfeita organização, de um plano educativo com todos os acessórios modernos que fazem de vosso Colégio o primeiro dos Estados Unidos, terra de audaciosos empreendimentos. Depois, o Noviciado instalou-se junto ao Colégio e, em seguida, a fundação da Califórnia, a de Neuilly (bairro aristocrático de Paris) são ainda vossos títulos de glória e por excelência obras vossas, abençoadas por Deus, dignas daquela que Lhe consagrou o coração e inteiro devotamento.

Nada de surpreendente, portanto, que, para succeder à veneranda e pranteada Madre Santa Cons-tância, se tenham voltado os olhares para Vós que

reunistes todos os sufrágios, o que é muito significativo deante do número de nacionalidades que formam o Instituto.

O que caracteriza o vosso Superiorado é a bondade unida à prudência que, vigiando no presente, não teme adiantar-se para fundar novas obras, Auguramos, se multipliquem essas fundações e sejam dignas das precedentes. É o passado, neste dia, o objeto de nossa gratidão; mas não nos contentamos com o reconhecimento; pedimos a Deus, vos conceda ainda muitos anos de vida, para o bem da Congregação, e numerosas vocações.

Quanto a Vós, depois de haverdes renovado os vossos votos, repeti com reconhecimento e confiança: “Meu Deus, não recusarei trabalhar ainda durante longos anos para vossa glória e o bem do “Sacré Coeur de Marie”. E, elevando-nos até ao nosso bom Deus, também Lhe suplicamos que vos abençoe as santas promessas: “Ó meu Deus, concedei numerosos anos, felizes e fecundos, a esta alma que vos é tão cara, a esta vossa esposa, que se tem consumido pela vossa maior glória. Assim seja.”

No fim do sermão, em que se revela um coração de Pai, nossa Reverenda Madre adiantou-se até ao meio da mesa de Comunhão e, no genuflexório colocado deante do Senhor Arcebispo, renovou os votos com a voz ligeiramente comovida, beijando em seguida o anel pastoral de sua Excelência Reverendíssima. A comoção foi geral.

Terminada com grande pompa a Missa solene, reuniram-se os presentes nos espaçosos claustros, para receber a benção do Senhor Arcebispo, beijar-lhe o anel e felicitar ainda a ditosa Jubilar que

ofereceu, com a jovialidade que a caracteriza, santinhos comemorativos a todas as pessoas que tomaram parte na festa e que ficaram cativas do seu amavel e benévolo acolhimento. O Senhor Arcebispo aproveitou-se da circunstância, para falar ainda com mais intimidade, e, satisfeito, narrou a recepção de que fora objeto em Marymount, quando do Congresso Eucarístico de Chicago, as horas deliciosas que lá passou em companhia do Cardeal Dubois e do Cardeal Charrost, a organização perfeita que observara em nossos colégios da América, organização que reverte em glória da França aí conhecida e amada. Nossa Reverenda Madre fez suas estas últimas palavras.

Ao meio dia, foi servido o banquete a Sua Excelência Reverendíssima D. René Mignen e a seu clero, ao mesmo tempo que um almoço de oitenta talheres, aos amigos que desejaram passar o dia no Convento. Cardápios escolhidos, nos cinco refeitórios da casa, eram mais uma nota festiva, na alegria da feliz efeméride.

Um fotógrafo de nomeada viera à tarde fixar o gáudio de tão memoravel solenidade, em um grupo formado por Sua Excelência Reverendíssima, a Revda. Madre Geral e os membros do Conselho presentes na Casa-Mãe.

Em seguida, deante de D. Mignen repetiu o Noviciado parte do programa da sua Academia Litero-Musical com notavel perfeição, o que levou Sua Excelência Reverendíssima a dizer que as Noviças tudo sabiam fazer bem.

Percorrendo a exposição dos presentes oferecidos à nossa querida Reverenda Madre Geral por suas filhas, manifestou o Senhor Arcebispo o desejo de revestir, na cerimônia de Profissão e Ves-

tição já marcada para o dia 26, a bela alva de renda de seda: foi satisfeito o seu pedido que não significava senão uma gentileza a mais e uma nova demonstração de apreço em que tinha a mui Revenda Jubilar.

Tão memoravel data encerrou-se com hinos de reconhecimento e louvor. Um “Te Deum” solene e um vibrante “Magnificat”, entoados depois da Benção do Santíssimo, repetiram a Jesús e a Maria a gratidão, amor e confiança de todos os corações, bem como o nosso íntimo e mais caro desejo de maior prosperidade para o Instituto, de mais numerosas vocações, e de seu estabelecimento próximo na “Cidade eterna”, junto à Santa Sé, foco de irradiação espiritual e de santidade.

Circular do ano de 1931

O SANTO RECOLHIMENTO



OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1930.

Minhas muito queridas Irmãs e boas Filhas:

O recolhimento!...

Que preciosa disposição e que fonte de bens! "A alma é um céu no qual me comprazo tanto quanto em minha glória", dizia Nosso Senhor certa vez a uma de suas fiéis esposas.

Mas que é o recolhimento? Recolhemos espigas e atamo-las em paveias; recolhemos frutos e juntamo-los em uma fruteira... Recolher-se é fazer o mesmo. Deus dotou-nos a alma de magníficas potências; inteligência, memória e vontade; favoreceu-nos o corpo com cinco sentidos delicados e sutis: vista, ouvido, olfato, paladar e tato! Podemos reinar como soberanas de tão brilhantes faculdades ou dissipá-las em pura perda.

Que faz o santo recolhimento na alma que o pratica? Reune intimamente as forças vivas dessa alma, transformando-as em fonte inesgotável de bens; ela se torna assim senhora de si, procede com madureza e prudência, edifica e exerce maravilhoso influxo naqueles que se lhe aproximam. Junto dela sente-se Deus presente. Uma alma recolhida, da qual nos aproximamos e com a qual conversamos, impõe respeito, desperta confiança... Que dignidade! Dir-se-ia uma mensageira do céu. Compreende-se facilmente que a

alma recolhida de tudo tira proveito; não lhe escapam os menores atos de virtude; é de grande perspicácia contra as surpresas do amor próprio ou as ciladas do mundo. Não nos admiremos: sempre atenta, observa-se em todos os movimentos, caminhando por isto em largos passos pela estrada da santidade.

Que contraste entre ela e essas almas futeis, vãs, batidas de todos os ventos, que se derramam em todos os sentidos e não conseguem viver consigo mesmas! Tais almas assim dissipadas, pródigas, voluveis jamais crescerão na vida perfeita. Nosso venerado Fundador nos diz, no seu tratado sobre a vida interior, que “o recolhimento é o primeiro fruto do silêncio e o primeiro passo para transpor o limiar da vida de união com Deus”. “O recolhimento”, ensina ainda, “conduz necessariamente à vida interior, porque a alma é um princípio ativo: tem necessidade de ação, tem necessidade de um objeto sobre o qual se exerça a sua ação. “Enquanto permanece agitada, gira em torno de tudo o que lhe recorda a memória ou lhe oferece a imaginação, afim de a seduzir. Para frustrar ou tornar inutil essa terrível tentação que a afastaria da vida interior, a alma precisa de pensamentos nobres, elevados, em uma palavra: precisa de Deus, da sua presença, da sua posse; deve gozar dEle. Eis porque não pode prescindir da serenidade e calma. Ora, só o verdadeiro recolhimento a produz e proporciona paz à alma. “E, nessa tranquilidade e paz, a alma começa a compreender aquilo que unicamente a pode satisfazer. “Nesse repouso banhado de luz, é que vê a Deus e sua infinita bondade, vê o mundo, sua fragilidade e seu nada. Vê a

Deus imenso, infinito sumamente amavel, eterno; vê também as criaturas que passam como a herva dos campos. Arrebatada por essa visão de fé, exclama: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade! Só Deus é amavel, Deus só é desejavel!” “A medida que Deus se lhe revela, inflamam-se-lhe os anseios; quer a Deus, deseja-O sempre mais; quer gozá-LO, possui-LO!

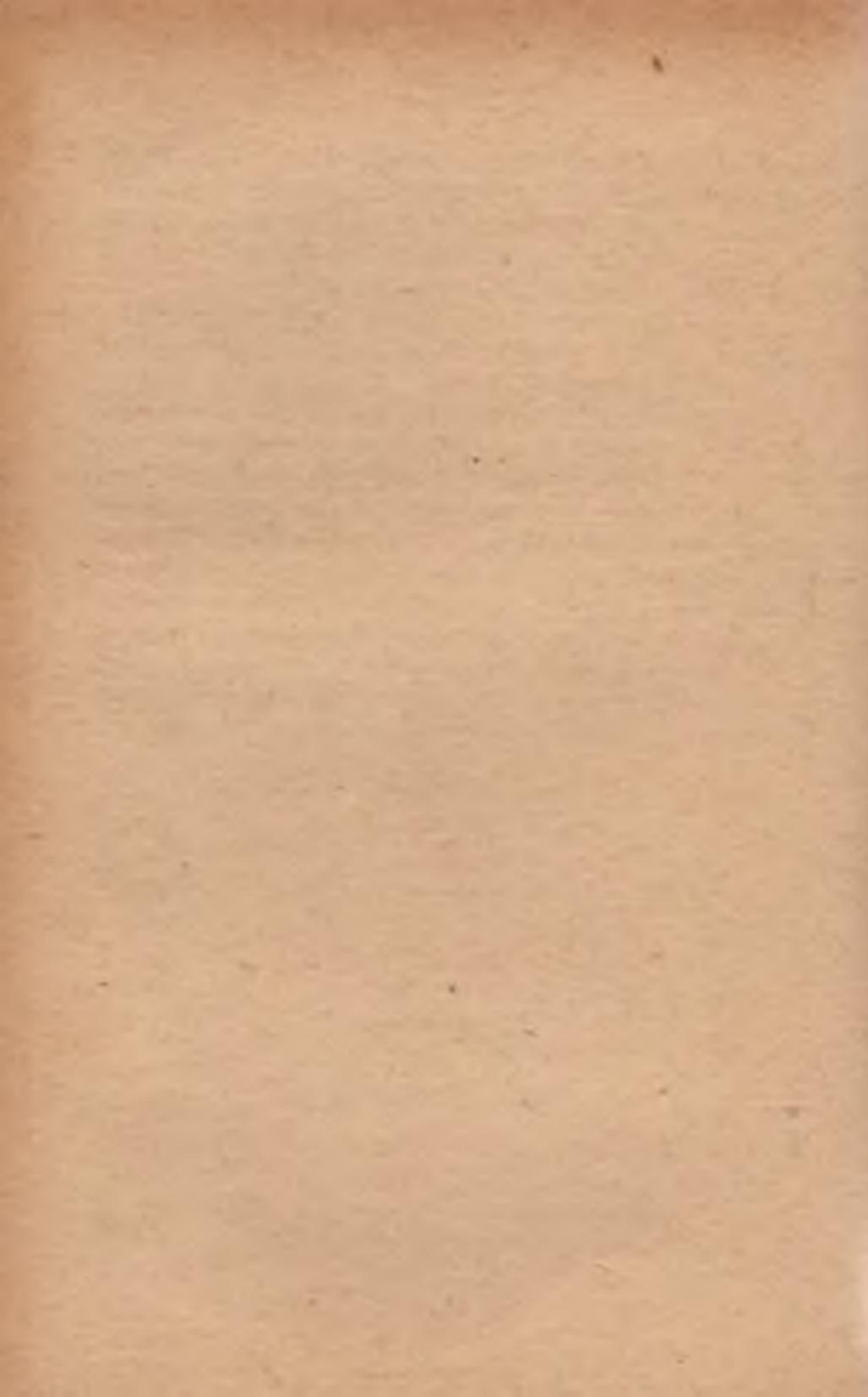
Mas à mesma luz, se lhe manifesta a sua indignidade: Quem é a criatura para fruir de Deus? — e sente a necessidade de se humilhar, afim de O atrair, comprehende a obrigação de se purificar, para ser digna de O possuir. “À medida que se adianta na luz e mergulha no recolhimento, vai sentindo sempre mais esta verdade: para atingir o termo de suas aspirações, por si mesma é impotente e indigna; donde, a necessidade, para ela, de rezar. “E assim o recolhimento produz a oração que leva a alma à posse de Deus”.

Diremos os cinco “Pater”, “Ave” e “Gloria” pelo alívio das almas do purgatório, afim de alcançar boas e numerosas vocações. Sejamos, ainda, fiéis aos exercícios da “Via Sacra” e da Hora de Guarda.

Vossa Mãe em Jesús-Cristo.

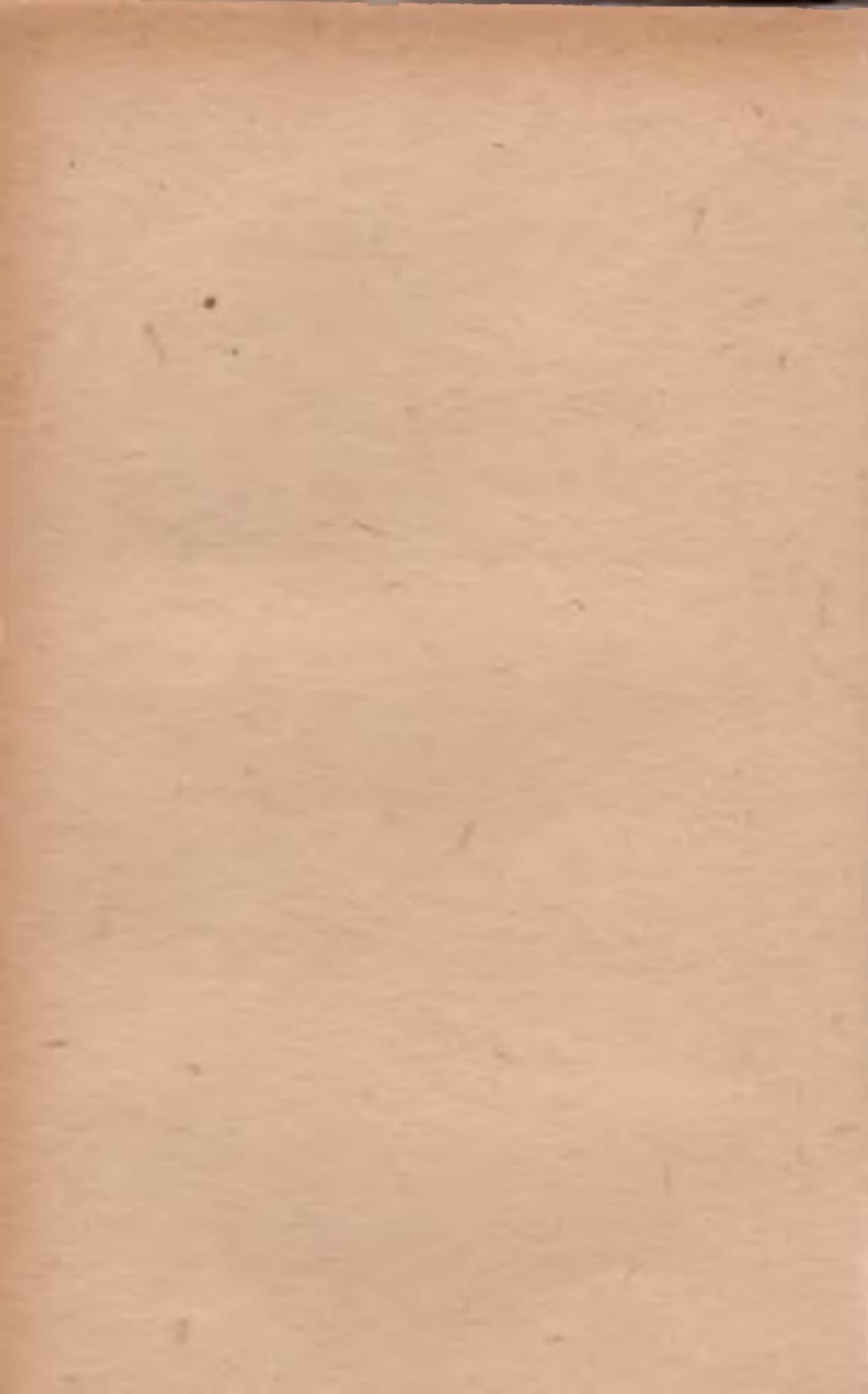
MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral



Circular do ano de 1932

O SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA



Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1931.

Minhas caríssimas Irmãs e filhas muito queridas:

De há muito alimento o ardente desejo de falar-vos do Sagrado Coração de Maria, “nossa Mãe”, e de procurar inspirar-vos um amor profundo e reconhecido pelo bellissimo título que o nosso querido Instituto tem a felicidade de possuir.

A devoção ao Sagrado Coração de Maria, sob a invocação de Santo Coração, Sagrado Coração e Imaculado Coração, foi praticada em todas as idades da História da Igreja.

No Antigo Testamento encontramos passagens e livros até que, embora no sentido literal não se refiram ao Sagrado Coração de Maria, lhe são, entretanto, perfeitamente applicaveis. O “Cântico dos Cânticos” diz S. João Eudes, é o livro do Coração Virginal de Maria. S. Lucas, nos dois primeiros capítulos do seu Evangelho, revela, passo a passo, as perfeições, alegrias e dores do Coração de Maria. No segundo capítulo, duas vezes se lhe refere: immediatamente depois da adoração dos pastores e depois do encontro de Jesús no Templo. E serve-se de palavras idênticas; “Sua mãe conservava todas essas palavras no seu Coração”. São Lucas chegou até a ser chamado por S. João Eudes o

Evangelista do Coração de Maria, porque encontramos no seu Evangelho a teologia da devoção a este Sagrado Coração. Diz Santa Gertrudes que o próprio Deus se dignou instruí-la sobre a maneira de render homenagem ao Coração de sua Mãe. Muitos santos, entre os quais, São Bernardo, Santa Brígida, Santa Matilde e São Lourenço Justiniano consagraram páginas eloquentes aos louvores do Coração de Maria. S. Inácio, desde sua conversão até à morte, trouxe constantemente sobre o coração uma efígie do Coração de Maria, declarando que, por esta devoção, havia recebido de Deus favores extraordinários.

No seu Tratado do “Amor Divino”, São Francisco de Sales menciona frequentemente o Sagrado Coração de Maria, seu amor a Deus e a íntima união entre o seu Coração e o Coração de Cristo. E eis provado que os louvores às perfeições do Coração de Maria aparecem na Escritura, nas obras dos Padres e dos Doutores da Igreja.

Estava, porem, reservada a S. João Eudes a missão de organizar uma devoção especial com o fim de honrar este Sagrado Coração. Quanto zelo e que ardor não empregou para o progresso de tão grande apostolado!! Ninguém o explicou mais plenamente ou com maior autoridade, ninguém O defendeu com mais energia! Não é, pois, natural que as Religiosas que trazem o nome do Coração de Maria, que são especialmente suas Filhas como lhes reconhece a Igreja, se esforcem, contemplando-lhe a beleza das virtudes, por as reproduzir na própria vida? Apliquemo-nos seriamente a esta tarefa no ano que se inicia.

Quão magnífica, quão eloquentemente, sua Excelência Reverendíssima, D. Mignen, por ocasião da

última cerimônia na Casa-Mãe, nos descreveu o Sagrado Coração de Maria, modelo de perfeição religiosa! Suas sublimes palavras podem servir a excitar-nos um profundo e duradouro amor a esse querido Coração! Levou-nos a considerar o Sagrado Coração de Maria sob o triplice aspecto: de Coração amante, de Coração materno e de Coração angustiado.

“O coração, insistiu sua Excelência Reverendíssima, é o símbolo e a sede do amor, a palpitar harmônico com ele. Seguindo-lhe as variações, contrae-se ou se alarga, a seguir-lhe os movimentos. E’ como uma harpa de que se serve o amor, para modular as diversas harmonias que dirige a Deus ou, infelizmente, também às criaturas!

“Mas que é o que fazia palpitar o Coração de Maria? Unicamente o amor de Deus! Se Maria recebeu o epíteto de Imaculada, foi porque jamais o amor impuro lhe atingiu o Coração. “Esse Coração virginal amava intensa e unicamente ao seu Deus. Cheio de graça, era esse Coração ideal impenetravel às mais leves sombras de discórdia.

“Assim devem ser aquelas que se dizem Filhas do Coração de Maria. Sem dúvida, na vida religiosa, a perfeição consiste na observância dos votos e das Regras, mas sua essência, sua fonte é o amor de Deus. Devemos, pois, a exemplo do Sagrado Coração de Maria, fazer reinar este amor em nossos corações. Foi por O termos amado que renunciamos ao mundo, aos prazeres, às riquezas, à nossa vontade. Este amor é nossa alegria, nossa consolação e nossa força. Que os atos numerosos de nossa vida quotidiana O traduzam, que a vontade se nos perca na vontade de Deus e Lhe execute

não só as ordens, mas até os menores desejos manifestados pelas Sta. Regra e pelos Superiores.

E' sem dúvida, um ideal de difficil realização completa nesta terra. Contemplemos, porem, o Coração amante de Maria e dessa contemplação havemos de haurir um desejo cada vez maior de entregar nosso coração inteiramente ao amor divino.

“O Coração amante de Maria, que só palpita de amor para com Deus, é ainda um Coração materno. Se Deus O fez tão amante, foi pelo ter destinado a ser um Coração de Mãe: Mãe de Cristo, Mãe dos homens. A natureza humana, Cristo a recebera de Maria, que é ao mesmo tempo a Mãe do seu Corpo Místico”. A exemplo de nossa divina Mãe, recebemos tambem uma função materna junto das almas. Como religiosas, cabe-nos o grande dever religioso de amar, adorar, agradecer a Deus e implorar-Lhe graças para nós e os pobres peccadores. Como religiosas educadoras, não nos impõe a vocação divina a obrigação de levar Cristo aos corações das meninas e donzelas a nós confiadas? Não é nosso dever dar Cristo às almas? Não é nosso fim apostólico gerá-las à vida divina? Que bondade, que caridade, que coração de mãe reclama para com o próximo tão nobre função!

“Mas o Coração de Maria foi tambem um Coração angustiado, ferido por sete espadas. Encontramos Maria ao pé da Cruz, não só para colaborar na obra da Redenção, mas ainda para recolher do Sangue divino um manancial de graças.

“Sem sofrer, não é possivel amar verdadeiramente e o amor tanto mais se apossará de nossa alma quanto mais soffrermos. Eis porque não devemos rejeitar as austeridades da vida religiosa;

são os sacrifícios que derivam dos nossos votos. As que deles se afastassem, afastar-se-iam em igual proporção da vida perfeita. E, se Deus acrescenta a estes pequenos sofrimentos de cada dia outras provas destinadas a melhor nos purificar e a levar-nos a uma aquisição mais abundante de méritos, aceitemo-las de Suas Mãos com generosidade e amor.

“Enfim, minhas queridas Irmãs, decidamo-nos a imitar a caridade do Coração de Maria. Medir-se-nos-à o amor a Deus pela caridade. Quando o espírito se deixa vencer por tentações de malevolência, detem o surto do amor divino no coração. Onde se cometem faltas de caridade, só se pode encontrar uma vida espiritual miserável. Nos recreios, falemos com bondade dos ausentes e mais do que tudo ignoremos as intrigas e as notícias do mundo. Peçamos a Maria que torne os nossos corações semelhantes ao seu, que nos dê um grande amor ao nosso querido Instituto, a cada um dos seus membros e um forte apego às suas práticas e devoções, muito especialmente à do Primeiro Sábado tão rica de indulgências, ao Santo Rosário, à “Via Sacra” e à Hora de Guarda. Sejamos fiéis à vida comum, a cada ponto da Regra e acharemos no Coração de Maria força, graça e santidade.

Recitaremos os seis “Pater” “Ave”, e “Gloria” e a oração “O’ bom e dulcíssimo Jesús, etc., pelo alívio das almas do Purgatório, e para obter numerosas e boas vocações.

Vossa Mãe dedicada em Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral



**CIRCULAR, comunicando o IN-
DULTO de 22 de Outubro de 1931,
da SAGRADA CONGREGAÇÃO,
prorrogando os poderes do CONSE-
LHO GENERALICIO e adiando a
reunião do CAPITULO GERAL**

OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Março de 1932.

Muito queridas Irmãs e amadas Filhas:

Apressamo-nos a anunciar-vos que a reunião do Capitulo Geral que devia realizar-se êste ano, foi adiada pela Sagrada Congregação para 1938, com a faculdade, para a Superiora Geral e seu Conselho, de o reunir antes desta data, caso haja necessidade.

Por um Indulto de 22 de Outubro de 1931, os poderes dos membros do Conselho Generalicio foram prorrogados por seis anos, isto é, até à data em que se deverá reunir o Capitulo para a eleição da Superiora Geral. Motivou esta delonga a distância que separa os vogais do Capitulo — residentes na Califórnia, no Brasil, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Irlanda, Portugal, Espanha ou Itália, — do Sul da França onde se deveriam reunir, para reeleger provavelmente as mesmas Assistentes.

A maior parte dessas viagens são muito longas, penosas e excessivamente caras. Agradeçamos, pois, a Deus, que, por intermédio do nosso venerando Cardeal Protetor e da Santa Igreja, nos dispensa de tantos sacrifícios. Os resultados económicos reverterão em benefício de nossas Obras

e serão muito apreciados por cada Superiora, no momento de crise mundial que atravessamos.

Continuemos, minhas queridas Filhas, a pedir a Deus auxílio e a cultivar vocações para a maior prosperidade de nossas Casas e de todo o Instituto, afim de que, no próximo Capítulo, possamos verificar um grande aumento em nossas filhas. Unimo-nos de alma e coração, pelas nossas preces a cada uma de Vós nesta intenção, rogando ao nosso bom Deus, se digne abençoar-vos, santificar-vos, multiplicar-vos. Reconhecemo-nos em Cristo,

Vossa Mãe dedicada e amiga

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.
Superiora Geral

Assinado ainda:

Maria Aloysius Hoey, R. S. C. M.
1.^a Assistente Geral

Maria Gabriel Coste, R. S. C. M.
2.^a Assistente Geral

Sainte Marie Boissezon, R. S. C. M.
3.^a Assistente Geral

Sainte Gonzague, R. S. C. M.
4.^a Assistente Geral

**CIRCULAR, relatando os aconteci-
mentos desenrolados na Congrega-
ção do “Sacré-Coeur de Marie”, no
período de 1926 a 1932, 1.^a fase do
governo da Superiora Geral, Revda.
Madre Maria José Butler.**

OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 24 de Agosto de 1932.

Minhas muito queridas Irmãs e boas Filhas:

Já que não nos foi dado reunir-nos este ano, desejamos conversar convosco sobre o nosso querido Instituto e examinar os principais acontecimentos que nele se desenrolaram, durante este período de seis anos. Parece-nos que, graças ao zelo e dedicação de cada uma, o Instituto está em plena prosperidade.

Doze novas casas foram abertas:

Em Portugal, o florescente colégio do *Porto*; *Guárda*, fonte de numerosas vocações; *Aveiro* que substitue com vantagem a *Espinho*; *Guimarães*, belo imóvel, para o qual será transferido o Noviciado de *Tuy*, e *Lamego* onde se instalará uma pensão para estudantes.

Na Inglaterra, o novo Colégio de *Upminster*, modelado pelo de *Seafield*, contrabalança vantajosamente a extinção do de *Blackbroock*.

No Brasil, deu-nos a um tempo, *Belo Horizonte*, um ótimo Colégio e o promissor Noviciado Brasileiro. Havendo a Madre Maria de Aquino terminado os dois triênios como Superiora no Rio, acaba de ser nomeada para o mesmo cargo em Belo

Horizonte, ao mesmo tempo que a Madre Inês de Jesús a substitue, no Rio, como Madre Vigária.

Nos Estados Unidos, foi aberta uma Escola Secundária ou “Academia”, em New York, tendo como Superiora a Madre Coleta; na Califórnia, fundou-se um lindo colégio em *Bel-Air* e um externato em Los Angeles; Madre Santo Inácio é a Superiora de *Bel-Air*.

Enfim, importa muito ao bem das Congregações religiosas estabelecer-se na Cidade Eterna. Voltamos para ela os nossos olhos e, a preço de enormes sacrifícios, pudemos fundar em Roma “Il Convento del Sacro Cuore di Maria”. Essa importante casa, ainda desprovida de recursos, temos custado enormes sacrifícios neste momento de agudíssima crise financeira nos Estados Unidos. Entretanto é fundação que pertence a todo o Instituto. E’, sob certos aspectos, uma “Procuradoria”, uma segunda Casa-Mãe, colocada junto à Santa Sé e à Sagrada Congregação, para os negócios de cada Vicariato. Todas as Casas, pois, conforme os próprios recursos, deveriam contribuir para a sua manutenção com uma quota anual ou ao menos enviar-lhe pensionistas, pelo que vos seremos muito reconhecida. As ofertas devem ser remetidas diretamente à Madre Santa Clara Mac Cormick, Superiora de Roma.

Durante estes seis anos, registramos 50 óbitos em nossas fileiras, dentre as quais, seis Superiores, cuja perda lamentamos vivamente.

Em compensação, contamos 71 Profissões Perpétuas e 159 vestições. Roguemos a Deus, se digne multiplicar-nos as vocações, para mais amplo e perfeito funcionamento de nossas Obras.

Verificamos com satisfação o surto de todos os nossos colégios: há crescimento na cifra de alunas, maior êxito nos exames. Aplaudindo-vos, só nos resta recomendar-vos, que mantenhais para o futuro igual dedicação, para a glória de Deus e a educação cristã, em nossos dias mais que nunca necessária.

Aprovamos sobretudo os retiros espirituais para as jovens e senhoras e as reuniões de Filhas de Maria.

Muitas casas recrutaram vocações. Felicito-as. São operárias decisivas da nossa prosperidade e a garantia da vitalidade de nossa Obra. Seguí, minhas filhas, com entusiasmo, as inspirações de vosso zelo e preparareis o futuro da nossa querida Congregação.

À pena que sentimos com a morte do nosso venerando Cardeal Vannutelli, sempre tão dedicado e bom para conosco, seguiu-se a alegria de receber como Cardeal Protetor, por indicação do próprio Santo Padre, a Sua Eminência, o Cardeal Cerreti, que já há um ano nos vem testemunhando paternal bondade em palavras e atos.

Terminando, minhas queridas Irmãs e boas filhas, rogamos que não mais soliciteis licença para visitar vossos Pais doentes ou moribundos. Foi-nos derogada a faculdade de vo-la conceder pelo Capítulo Geral de 1919 e assim, insistindo, só nos dareis ocasiões de pena, obrigando-nos com imenso pesar a não vos atender.

Desejamos também que, no fim das contas, seja anotado o número de alunas, tanto pensionistas quanto gratuitas e a soma depositada nos Bancos.

Recomendando-nos às vossas orações e exortando-vos a um grande amor de Nosso Senhor por Quem trabalhamos todas na maior união,

Nós nos assinamos,

Vossa Mãe dedicada e amiga

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral

Circular do ano de 1933

ZELO APOSTÓLICO

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1932.

Minhas muito queridas e amadas Filhas:

Proponho-me, nesta carta circular, despertar em vós o espírito apostólico tão caro a nossos venerados Fundadores, para dele fazermos nossa prática especial, durante o ano de 1933.

O zelo das almas é o fruto natural da virtude e deriva do verdadeiro amor a Nosso Senhor. Já o adquiristes, minhas filhas, tendo-o recebido como herança de nosso venerando Padre Fundador, que nos deu exemplos admiráveis desta virtude e no-la prescreveu em nossas Constituições.

No Noviciado, esforçaram-se os Superiores por vo-lo inculcar, por fazer de vós apóstolas, que guardassem fidelidade a Deus pelos seus sagrados compromissos e consagrassem todas as energias vitais à glória de Deus e à salvação do próximo. Todas as religiosas devem ser apóstolas. Mas nem todas as inteligências são acessíveis às grandes idéias nem os corações igualmente entusiastas. Com o correr dos anos, amortecem-se as mais luminosas chamas e até se apagam, se não ativadas. E', por conseguinte, um empreendimento de enorme alcance difundir a idéia do apostolado, arrancar as almas religiosas ao círculo estreito de seu egoismo,

para lhes desvendar os largos horizontes dos interesses de Deus e das almas. Recordemo-nos de que não entramos na vida religiosa só por causa de nós; que nada desagrada tanto a Deus como uma alma que pensa apenas em si; que, se amamos a Deus, devemos amar as almas que tanto lhe custaram; que, visto nos haver enriquecido de tantos bens na Religião, o reconhecimento nos impõe o dever de trabalhar por Deus; que as Ordens foram instituídas para este objetivo e que não ser apóstolas seria trair a nossa vocação; que o apostolado é acessível a todos os membros do Instituto, seja qual for o seu emprego, pois que se exerce, tanto pela oração como pela palavra. Cada uma pode desempenhar o seu papel em uma ou várias das suas diferentes formas: a oração, o ensino, o sofrimento, o exemplo.

Rezemos todas pela santificação de nossas Irmãs e de nossas alunas. Peçamos pelos pobres pecadores. Compadeçamo-nos da multidão de tantas almas que se perdem. E' preciso que sofram os apóstolos de Cristo, quando uma alma lhes escape à influência e se afasta dos caminhos de Deus, das mesmas dores que experimentava S. Paulo, o "Grande Apóstolo", no meio de Roma idólatra, — essas angústias que o atormentavam, à vista de tantas almas em perigo de perdição!

Detenhamo-nos aqui num exame de consciência: não faltamos às nossas Regras, não interrompemos as horas de nossos piedosos exercícios: muito bem! Isto, porem, não basta. Praticamos a caridade espiritual? Derramamos a doçura e a alegria no cálice em que deve beber o próximo? Tornamos melhores as almas que se aproximaram de nós? Trabalhamos na salvação dos outros?

Temos como perdidos os dias em que não atraímos alguma alma a Jesús-Cristo?

Nossa piedade não deve limitar-se ao conhecimento do nosso nada e ao desprezo de que somos dignas. Sem nos desvanecermos de nossas qualidades que não devemos senão a Deus, utilizemo-las como recursos que a graça nos põe nas mãos, para explorar o vastíssimo campo do apostolado. Nesta terra não devemos descansar despreocupadas nas doces e santas alegrias da contemplação, mas tender para a atividade apostólica do agricultor que teme não acabár a sementeira de suas terras, antes da volta do inverno. Para bem realizar nossa missão de educadoras e professoras, a ciência nos é indispensável. E' condição essencial e penhor de êxito. Os pais confiam de preferênciam os filhos aos colégios donde saem falanges de diplomadas. Conservemo-nos, pois, em dia com os programas oficiais e em um nível elevado nos estudos. Mas cumpre sobretudo ao apóstolo conhecer Jesús Cristo, vida das obras. A alma do apostolado é a vida interior que dá fecundidade e atrai para o nosso ensino as benções de Deus. Ela torna a religiosa santificadora pelo bom exemplo, que é o mais eloquente dos sermões. Empresta-lhe essa irradiação sobrenatural que lhe dá, com a ciência, o prestígio de que resultará sua influência decisiva nas almas. O Santo Padre Pio X, numa das Encíclicas, dizia aos bispos da Itália: "Para restaurar todas as cousas em Cristo pelo apostolado das obras, é preciso a força divina e o apóstolo não a recebe, se não está unido a Cristo. Somente depois de termos formado Jesús-Cristo em nós, poderemos facilmente levá-lo às famílias e à socie-

dade. Todos aqueles que participam do apostolado devem ter uma piedade verdadeira”.

Sigamos esta diretiva e trabalhemos por apressar o reino de Jesús-Cristo. Levemos as almas após o Mestre, estimulemos nosso zelo para inflamar os corações no santo amor de Deus, arrastemos nossas irmãs, com o exemplo de nossas regularidade, à fiel observância das Santas Regras.

Quando vemos que é tão elevada a nossa missão, como nos arrastar na mediocridade? Chamadas por vocação a aquecer e iluminar as almas das meninas confiadas aos nossos cuidados, a educá-las, instruí-las, deixar-nos-íamos esmorecer na tibieza? Se é nobre tarefa ensinar aos outros, mais sublime é ganhá-los a Deus. Atraíamos, pois, as almas de nossas alunas para as sendas da vida religiosa, em que almas de eleição melhor poderão consumir a obra de seu aperfeiçoamento.

Empreendamos tudo isto, a exemplo e com o auxílio de nossa divina Mãe, tão justamente invocada como “Rainha dos Apóstolos”; a exemplo ainda de nosso venerando Fundador, cuja vida foi inteiramente consagrada à criação de obras numerosas que seu zelo ardente lhe fazia empreender, desde que nelas percebia a glória de Deus e a salvação do próximo.

O ideal perfeito do apóstolo, comprazemo-nos em buscá-lo, no Sagrado Coração de Maria, nossa augusta Padroeira.

Jesús vivia nEla. Por Ela viverá em nós, para santificar e fecundar nossa vida apostólica. Nós lho pediremos, ao celebrar-lhe as numerosas festas, em particular o primeiro sabado do mês, já que nos é dado o privilégio de honrá-lo algumas horas, ante o Santíssimo Sacramento exposto.

Sejamos fiéis à devoção ao Santo Rosário, à "Via Sacra" e à Hora de guarda.

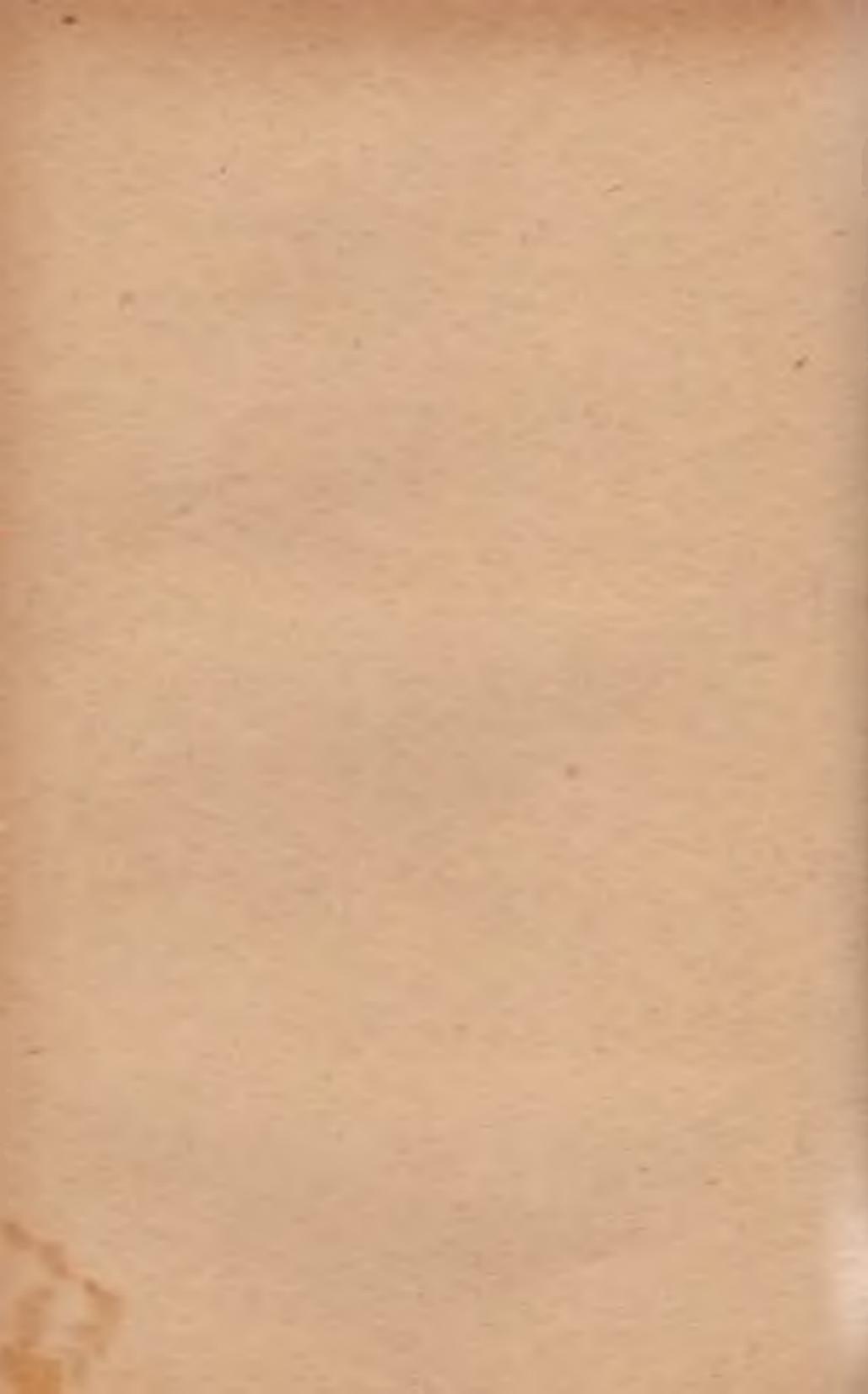
Continuemos sempre com confiança a novena para alcançar postulantes, recitando com fervor, do 1.º ao 9.º dia de cada mês, os seis "Pater", "Ave", e "Glória" e a oração: "O bom e dulcíssimo Jesús" pelo alívio das almas de Purgatório.

Vossa Mãe afetuosa e dedicada em Jesús-Cristo

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral

CIRCULAR comunicando consoladora audiência de S. S. O PAPA PIO XI e a nomeação do CARDEAL LÉPICIER, como Protetor do Instituto



Roma, Julho de 1933.

Minhas queridas Filhas:

Tendo chegado a Roma, no dia 11 de Junho, tivemos a grande alegria de lucrar as indulgências do Ano Santo na Cidade Eterna e rezar por todas as vossas intenções. Depois de fazer uma novena ao Espírito Santo, invocamos-Lhe a poderosa assistência para encontrar um digno sucessor ao nosso querido e pranteado Cardeal Cerretti. Achamo-lo hoje, na pessoa de Sua Eminência, o Cardeal Lépiciér, que será doravante o Protetor do nosso querido Instituto.

Nasceu Sua Eminência, em 1863, em Vaucouleurs, França. Muito novo, entrou na Ordem dos Padres Servitas de Maria e não tardou a distinguir-se como brilhante teólogo e piedoso, devotado admirador da Virgem bendita, a Quem dedicou numerosos trabalhos; o primeiro foi o tratado de teologia sobre a Mãe de Deus. Decorridos os diversos períodos de sua preparação religiosa, o Padre Lépiciér foi nomeado por Leão XIII Superior Geral e Professor de Teologia no Colégio da Propagação da Fé, em Roma. Desde então, ocupa importantes cargos na Igreja, entre os quais citamos o de Qualificador do Santo Ofício.

Sob a direção do Soberano Pontífice, este illustre Religioso foi encarregado de várias missões, na Inglaterra, na Escóssia, nas Indias e na Abissínia. Alem da compreensão profunda do carater dos diferentes povos, conseguiu admiravel conhecimento de suas línguas respectivas, a tal ponto que o nosso Cardeal é universalmente conhecido, pelo seu incansavel zelo no serviço de Deus.

Segunda-Feira, 22 de Junho, fomos recebidas em audiência privada por Sua Santidade que nos acolheu com calorosas Boas-Vindas e demorou-nos em longa entrevista. Ficamos encantadas ao ver o Santo Padre tão bem disposto, apesar dos enormes cuidados que Lhe pesam sobre o coração, nesta época de provações e sofrimentos para o mundo inteiro. Sua Santidade pediu orações especialíssimas ao nosso Instituto pelo êxito que promete o Ano Santo. Antes de sermos introduzidas junto do Santo Padre, um Embaixador e sua mulher, que cruzaram conosco após a própria audiência, contou-nos que Sua Santidade lhes havia falado da renovação do fervor religioso e das conversões devidas ao Ano Santo. O estado terrivelmente inquietador da Rússia, Espanha e México causaram tormentos indescritiveis ao Santo Padre, que nos referiu já ter atingido cinco milhões, o número de pessoas sacrificadas, desde o início das perseguições. Os fiéis e o clero sobreviventes achavam-se ameaçados de piores tormentos do que a morte. Nosso Santo Padre está firmemente convencido de que, se a Europa se tivesse coligado contra a Rússia, o mundo não teria caído em tal estado. — “Eles me consideram, concluiu, como Pai; têm razão, porque o sou. Quando me vejo incapaz de ajudá-los, meu coração despedaça-se”.

Sua Santidade tomou um interesse particular pelas nossas atividades e pediu-nos pormenores exatos com relação às casas de cada país. Abençoou todas e cada religiosa em particular, assim como suas famílias e amigos. Agradeceu a oferta que Lhe apresentamos em nome do Instituto, duplamente reconhecido, em razão dos numerosos apelos que diariamente Lhe são dirigidos, assegurando-nos que rezará, e outros com Sua Santidade, pelas necessidades do nosso Instituto. Aproveitamos esta referência para, por nosso turno, agradecer às casas que fizeram o possível de contribuir para esta oferta e pedimos a Deus que lhes recompense a generosidade.

O Santo Padre aprovou graciosamente a nossa escolha da pessoa do Cardeal Lépicier e falou comovido do querido Cardeal Cerretti que, poucos dias antes da morte tão súbita, havia sido admitido em audiência privada, junto dEle. Estava então cheio de zelo e de energia como sempre.

Na segunda-feira, 28 do corrente, preparamos uma recepção a Sua Eminência que, ao chegar, notou, felicitando-nos por isto, a beleza do nosso Hábito. Presentes, distinguiam-se Sua Excelência Reverendíssima D. Dunn, Bispo de New York, Monsenhor Burke, Monsenhor Kiely, Monsenhor Breslin, do Colégio Americano, o Revmo. Sr. Padre Domingos Hastings, da Ordem do Carmo e o Revmo. Dr. Taylor, Assistente Geral na mesma Ordem.

Antes de ocupar o trono que Lhe fora preparado no salão nobre, ouviu Sua Eminência belo discurso que Lhe fora dirigido em nome do Instituto. O Cardeal respondeu em tom comovente e

sincero, primeiramente na sua língua e em seguida em Inglês:

“Querida Madre Geral:

Sinto uma intraduzível alegria, ao dirigir-me a todas, chamando-vos de minhas filhas, disposto a não poupar esforços para ajudar vossa Congregação. Vossas orações assistirão o Cardal Protetor, não é verdade? Mas não sois filhas somente; sois ainda irmãs, visto termos igualmente a Maria por Mãe celestial e sermos consagrados a seu serviço. Se pertença a esta Ordem dos Servitas de Maria, que vive na Igreja, há mais de setecentos anos, sois Filhas do seu Sagrado Coração. Um pensamento me impressionou e fez estremecer as fibras íntimas de minha alma, na vossa saudação, ao recordar-me o dia em que me consagrei a Deus, sob a proteção de sua Mãe bendita. Seguindo vossa gloriosa vocação, também escolhestes a mesma Mãe, como advogada e guia, movidas de igual amor. Pediremos a Deus que, para a sua maior glória, abençoe nossos esforços.

Muitas vezes passei deante deste belo edificio, sem suspeitar que nele vivia tão querida Comunidade, que aquí se escondiam lindas salas, este parque magnífico e sobretudo tão nobres e belos corações. E’ com satisfação que verifico a escolha desta casa por Nosso Senhor, para a dedicar à sua doce Mãe, como um santuário de paz e alegria.

Tendes um Protetor supremo em Nosso Senhor, mas quereis possuir na terra outro, visível, e me escolhestes, como sucessor do nosso pranteado e querido Cardeal Cerretti, cujo desapareci-

mento constituiu para a Igreja e para nós enorme perda. Há tão pouco ainda o tínhamos conosco, com a esperança de longos anos de existência a serviço da Igreja. Mas sou o instante supremo de suspender suas obras. Pensávamos que lhe seria facultado, por muito tempo, o cultivo da vinha do Senhor. Não suspeitávamos que já Deus o julgava preparado, tendo extraído o maior rendimento de sua vida de sacrifícios, através os diversos países a que o levou o bem da Religião. Muito honrado me sinto de lhe seguir os passos e de ser ao mesmo tempo assistido de vossas fervorosas orações.

Nada se obtem, como sabemos, sem o concurso da oração, por isto espero as vossas. Recordai-vos de que é entre lágrimas que semearmos, se quisermos colher nossos frutos com alegria. “Chorosos, partiram para semear; foi, porem, com júbilo que recolheram os frutos”. Acontece ainda como outrora, há quantos séculos, no tempo dos profetas. E’ duro lavrar terras intrataveis, mas o fruto recolhido será divino.

Não me acanho de repetir, como tantas vezes digo aos meus alunos, esses que já são para mim, pela participação nos trabalhos da Igreja, uma honra e grande alegria: “Não é facil nossa missão; é preciso abrir sulcos no solo, um solo muitas vezes endurecido pelo vício, a negligência e o pecado. Uma religiosa, na classe, é como a estrela da manhã, iluminando a senda da vida das alunas entregues aos seus cuidados.

Mui Reverenda e querida Madre Geral, agradeço-vos esta recepção. Seremos um só coração, uma só alma, na oração. Que Deus abençoe vos-

sas obras! Que a vossa Congregação continue a ser uma imensa consolação para nossa Santa Mãe Igreja!!!...”

A seguir, a Benção solene do Santíssimo veio terminar esta festa íntima e inolvidavel.

Antes de partir, Sua Eminência visitou, no jardim, a linda estátua da Virgem, inaugurada, há dois anos, pelo Cardeal Cerretti, rezando pelo repouso de nosso antigo Protetor; depois entoou a “Salve Rainha.”

Está deliciosa a temperatura agora, quando, neste tempo, se mantem ordinariamente muito quente, em Roma.

E, ao terminar, minhas caras filhas, envio votos de felicidades a todas, subscrevendo-me,

Vossa Mãe em Jesús-Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral

Circular do ano de 1934

**ZELO DA NOSSA SANTIFICAÇÃO
PESSOAL**



OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1933.

Minhas queridas filhas em Cristo:

O esforço e o sofrimento são necessários para atingir a perfeição. Quando correspondemos ao sublime apelo de nossa vocação religiosa, não tínhamos em vista senão nossa santificação pessoal. Ter-nos-íamos de bom grado submetido até ao martírio, se o julgássemos necessário para a conseguirmos. Compreendemos depois que uma longa vida de martírio é mais agradavel a Deus que o gládio portador da palma de glória às mãos de Santa Inês.

Estamos a iniciar um novo ano, renovemos nosso primeiro fervor e esforcemo-nos por nos tornar santas. “Renunciar-se não é trabalho de um dia nem jogo de meninos”, diz a Imitação. “Deixai tudo e achareis tudo; renunciad aos vossos desejos e encontrareis o repouso. (I. L. III, cap. XXXII). Sim, os que têm a energia de lutar corajosamente contra suas inclinações naturais, gozam de recompensa, mesmo nesta vida. Sua felicidade ultrapassa de muito a das almas menos generosas que procuram aliar o serviço de Deus com as satisfações da natureza.

Os verdadeiros amigos do Divino Mestre devem com Ele partilhar a Cruz; mas seu desapego e humildade suavizar-lhes-ão todas as contradições, humilhações ou decepções. As provocações, também, ainda que lhes aflijam a pobre natureza humana, não lhes abalarão a vontade, porque a teem absorvida na vontade de Deus e chegam a sentir felicidade em suportar tudo o que pode contribuir para sua glória. Aqueles, entretanto, que amam pouco, muito padecem na vontade e natureza, quando lhes sobreveem contradições; resignar-se é para eles esforço insuperavel e não lhes proporciona nenhuma alegria; assim, a paz de que gozam as almas virtuosas é-lhes desconhecida. Ora, a partilha dessas almas generosas, é mais do que a paz: é a alegria perfeita — alegria prometida por Jesús e seus Apóstolos. E' a alegria prometida a quem ora. "Pedi e recebereis, afim de que o vosso gáudio seja completo" (João — XVII, 13). A alegria é o amor satisfeito. Qual é a aspiração da religiosa que conseguiu atingir o perfeito desapego? E' Deus! Ela busca-O unicamente e O encontra por toda a parte e sempre, desde o instante em que o "Benedicamus Domino" a convida a realizar o primeiro ato do dia pronta e jubilosamente, até à última aspiração a Jesús, Maria e José, com os lábios no Crucifixo.

Os corações repartidos não podem saborear a alegria espiritual; seu apego às criaturas, às diferentes ocupações, às leituras frívolas (o que é indigno de uma religiosa e lhe rouba todo o gosto das cousas espirituais), levanta um obstáculo à felicidade que deviam encontrar em Deus. Nem mesmo chegam a conhecer a ventura daqueles que amam a Deus inteiramente e que compreendem

quanto é sem medida o amor que Deus lhes tem. Não nos admiremos também de que lhes falte a coragem para realizar os sacrifícios que Deus lhes pede. Eis porque, minhas filhas, devemos colocar bem alto o nosso ideal. Não nos contentemos de uma virtude ordinária, de uma piedade convencional. Jamais pensemos que está a perfeição além de nosso alcance; abandonadas às nossas forças, nunca lhe atingiremos os cimos; mas Deus pode levantar-nos até eles, se lutamos corajosamente com invencível esperança. Jesú nos admitirá entre os seus íntimos amigos, pelo dom do amor à Cruz. Afastará de nós queixa ou desolação, estabelecerá nossa alma numa paz profunda. Não aspiram as almas fervorosas a que lhe sejam poupados os sofrimentos; sabem que do sofrer resultará para elas um aumento de amor a Deus.

Empreguemos esforços enérgicos para animarmos de intenso fervor nossos exercícios de piedade, especialmente a assistência à Santa Missa. De todas as obras de Deus neste mundo, é a Santa Missa com a Sagrada Comunhão a obra prima. Donde se conclue serem a Missa e Comunhão os mais preciosos tesouros de nossas almas. “Uma Comunhão fervorosa”, dizia o Santo Cura d’Ars, “é suficiente para fazer um santo”. Aproximemo-nos da Santa Comunhão, acompanhadas do Sagrado Coração de Maria, do nosso Anjo da Guarda e do Santo do dia. Simbolizam o fervor as chamas que rodeiam o Sagrado Coração de Maria. E a coroa de rosas, o amor! Estejamos entre as rosas que circundam esse Sagrado Coração de nossa augusta Mãe!

Em fervorosa oração quotidiana, unamo-nos todas, depois da Sagrada Comunhão, para obter a

beatificação de nossos queridos Fundadores. No fim dos principais exercícios de piedade, continuemos a recitar três vezes o versículo “Monstra-te esse Matrem”, seguido das jaculatórias habituais. Sejam os ainda fiéis às outras práticas de devoção recomendadas cada ano; a hora de Guarda, a Comunhão reparadora, o dia de expiação e o Santo Rosário. Do 1.º ao 9.º dia de cada mês, continuemos com fervor a novena à SS. Virgem, para alcançar boas e numerosas vocações, rezando os seis “Pater”, “Ave”, “Glória” e a oração “O’ bom e dulcíssimo Jesús”, pelas santas almas do Purgatório.

Vossa afetuosa e dedicada Mãe em Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral

A circular que agora se vai ler, vinda de Roma, traz a assinatura da Madre Superiora do nosso Convento, na Capital do Catholicismo. Conta a graça da audiência particular e tão paterna que foi concedida à nossa Revda. Madre Geral pelo Santo Padre Pío XI, de santa memória, em que Sua Santidade faz referências diretas ao Brasil, concedendo aos nossos trabalhos, neste país que é a esperança da Igreja, especiais bençãos.

Relata ainda as atenções de que era objeto a nossa querida Madre Geral, da parte de altos Dignitários Eclesiásticos, na Cidade eterna.



OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Convento del Sacro Cuore di Maria.
Via Nomentana, 335. Roma.
Junho de 1934.

Querida Madre Superiora:

Nossa Reverenda Madre Geral pediu-me que lhe comunicasse a audiência particular em que foi recebida pelo Santo Padre, terça-feira, 26 de Junho próximo passado, e as bênçãos que Sua Santidade vos envia. Apresentou a Reverenda Madre Geral ao Papa uma oferta, em nome da Congregação, para as obras de Sua Santidade. Durante a audiência, mostrou o Sumo Pontífice grande interesse pelo nosso querido Instituto, quis saber o número de religiosas, quantos as fundações nas diversas partes do mundo, alegrou-se pelo desenvolvimento de nossas obras no Brasil, onde, explicou, há grande necessidade de almas religiosas para propagar a fé e fortificar a Igreja. Relatou que, dois dias antes, recebera em audiência um grupo de religiosas destinadas a Belo-Horizonte, para trabalhar entre os leprosos. Referindo-se à nossa casa de Roma, o Santo Padre mostrou-se muito satisfeito, ao ouvir a narração de conversões e batismos por nós alcançados com o auxílio da graça. Falou das necessidades da Cidade Eterna, em vis-

ta do grande número dos que nela vêm haurir a paz da alma e buscar a verdade em sua fonte.

Receando fatigar o Santo Padre, nossa Reverenda Madre Geral, exprimiu o desejo de não o incomodar mais, ao que respondeu Sua Santidade não se sentir jamais cansado, o que é realmente um dom do Céu!

Falando do Ano Santo e de todas as suas cerimônias e actividade, disse-nos o Santo Padre quanta consolação e alegria Lhe proporcionaram e que o bom Deus lhe havia concedido as forças e a resistência necessárias até ao fim. Contou à nossa Reverenda Madre Geral a grande reunião de Domingo de Páscoa, na Basílica de S. Pedro: 45.000 assistentes no interior do templo e fora, na praça, 60.000 que não puderam entrar. Durante o Ano Santo, milhares e milhares de peregrinos desfilaram pelas salas do Vaticano. Recebeu Sua Santidade, só num dia, 5.000, na sala de recepção e, na mesma tarde, 10.000, no Páteo S. Dâmaso. Segundo suas próprias palavras, experimentou imensa consolação, vendo o testemunho de fé e o espírito de sacrifício de tamanha multidão. A intervalos, durante esses dias de trabalho insano, confessou o Santo Padre haver sentido o peso do cargo; entretanto suas forças físicas resistiram até ao fim e, encerrado o jubileu, pode tomar um pouco de repouso.

Ao solicitar, nossa Reverenda Madre Geral, a Benção de Sua Santidade, Pio XI respondeu que de coração a concedia ao seu conceituado Instituto, a cada uma de suas Filhas, a seus Pais e amigos, e a todas as intenções que pudesse ter a Reverenda Madre Geral.

Enquanto nossa querida Superiora Geral se ajoelhava aos pés de Sua Santidade, a companheira que indignamente se prostrava ao seu lado, penetrada de sentimento de fé, julgava ver uma nova Santa Teresa, de joelhos diante do Vigário de Cristo, suplicando-Lhe pelas necessidades de almas caras a si e a Deus. O Santo Padre ergueu os olhos ao Céu, estendeu as mãos num gesto de bênção e atraiu ferventemente as graças de Deus sobre a grande alma humildemente curvada diante dEle.

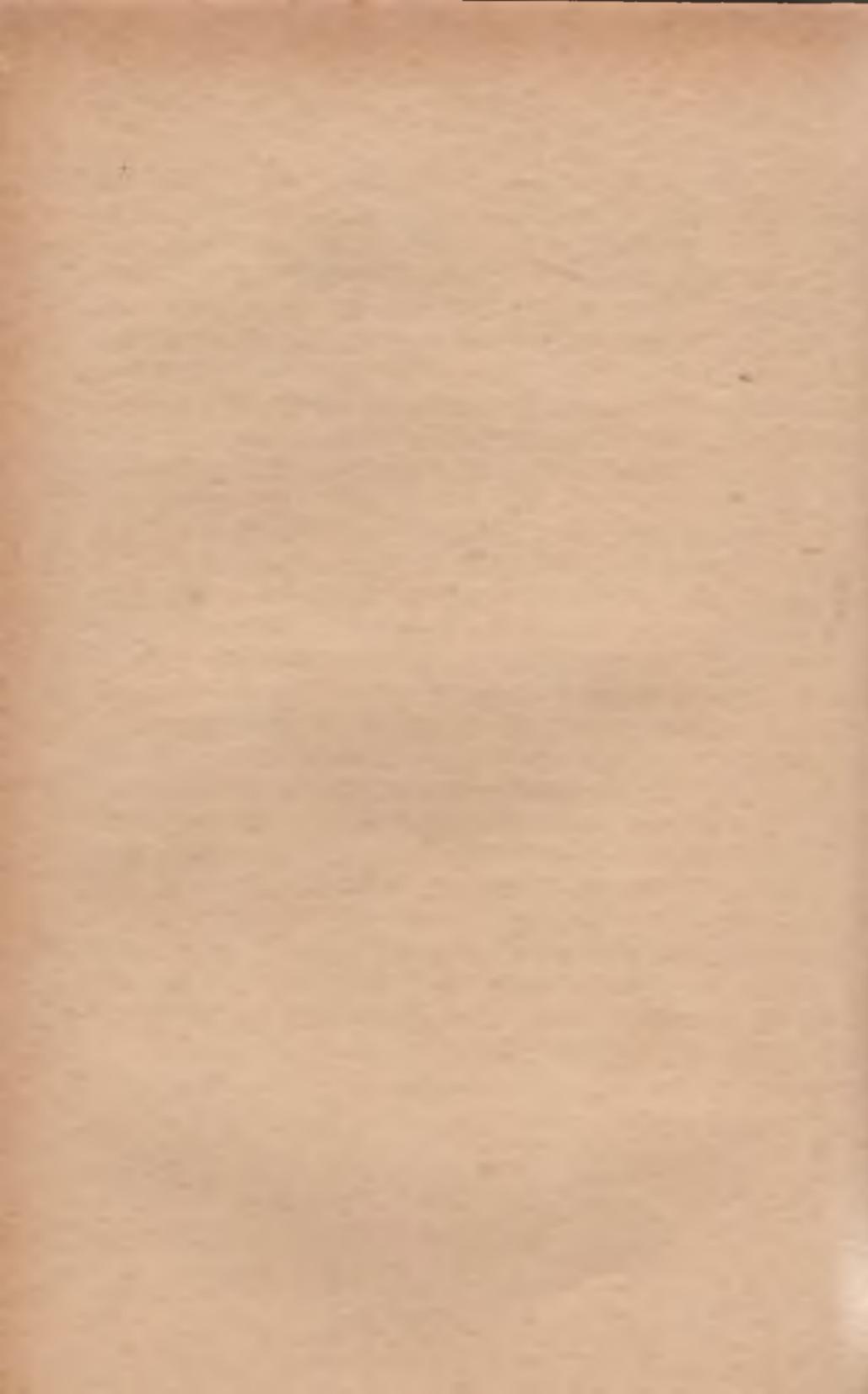
Sua Eminência, o Cardeal Lepicier, visitou nossa Reverenda Madre Geral, logo após sua chegada a Roma. Quer nossa Reverenda Superiora Geral que saibam quanto o nosso Cardeal Protetor é bom e paternal. Felicitou-a Sua Eminência da dignidade e reserva que parecem reinar em nossa Congregação. Aludiu a certo espírito mundano que se tem introduzido em várias Comunidades de Religiosos e Religiosas, sob sua direção, pelo abuso do rádio. Mostrou-se contente, ao assegurar-se, pelas informações de nossa Reverenda Madre Geral, que o nosso Instituto não está nesse caso.

Sentir-vos-eis satisfeitas certamente, ao saber do respeito e estima com o qual é acolhida a nossa querida Superiora Geral no Vaticano e pelos venerandos membros do Santo Ofício.

E, terminando com fraterna afeição, querida Madre, e em união de corações, subscrevo-me,

Vossa irmã dedicada em Jesús-Cristo,

MARIA DE SANTA CLARA MAC CORMICK, R. S. C. M.



Circular do ano de 1935

CONFIANÇA NA ASSISTÊNCIA DIVINA

OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1934.

Minhas queridas irmãs em Cristo:

“Sem Mim nada pois fazer”.

Nosso Divino Salvador disse estas palavras, para nos fazer compreender que, se nossas obras não são feitas nEle e para Ele ficam sem valor a seus olhos. Segue-se que, durante este ano de 1935, devemos esforçar-nos por adquirir uma união mais íntima com Deus. A união de nossas ações e méritos com as ações e méritos do nosso Salvador lhes conferirá um valor inestimável. O pensamento de que Ele trabalha conosco centuplicará nossa coragem, dando-nos asas para nos levantar bem alto. A coisa mais pequenina, mais insignificante, realizada com espírito de fé, é considerada por Deus de valor infinito. Oh! com que energia devemos tender a uma mais íntima união com Jesús-Cristo!

Sejam quais forem os nossos talentos e possibilidades, não poderão contribuir à nossa salvação e à do próximo, se deles nos servirmos fora do plano de Jesús. Abusando obstinadamente das graças derramadas em nós com tanta abundância para nossa santificação, viveremos em lamentável estado de tibieza, desprovida de toda a virtude e

piedade. Como poderá o orgulho aninhar-se em nossos corações, se meditarmos séria e constantemente nestas palavras do Divino Salvador: “Sem Mim nada podeis fazer?” Dependemos de Deus em tudo; entretanto damos por vezes impressão de independência, de autoritarismo e até de arrogância. Que loucura!

Um estudo aprofundado deste texto da Escritura nos penetrará íntimamente os corações da realidade do nosso nada, dando-nos, por conseguinte, à atividade religiosa o verdadeiro cunho. Não é certo que, por não termos refletido seriamente, como devíamos, nestas palavras do Divino Salvador, pouco adiantamos nas veredas da perfeição, tibia é a nossa alma, infecunda a nossa vida espiritual? Esforçamo-nos por trabalhar sózinhas, vencer sózinhas os obstáculos, orar sózinhas. O resultado é inevitavelmente o insucesso, o desânimo. “Não posso vencer o mau humor”, dizia uma religiosa. E outra: “É-me impossível meditar, rezar ou perdoar a tal pessoa que me feriu a reputação...” Lamentemos a almas tão fracas e reze-mos por elas; esqueceram a lição do Divino Mestre: “Sem Mim nada podeis!”

Recordemos muitas vezes ao dia que, em UNIÃO com Cristo, somos chamadas a uma vida de perfeição e Deus quer que sejamos apóstolas, salvadoras de almas. A paixão das almas deve penetrar-nos inteiramente a atividade. Temos a obrigação de dirigir os nossos esforços e utilizar perfeitamente os meios à nossa disposição, afim de trazer às almas luz e graça: o Santo Sacrifício da Missa, a Sagrada Comunhão, a visita ao SS. Sacramento, os exercícios de piedade, a caridade, a penitência, a mortificação, os bons exemplos, e,

mais que tudo, antes de tudo, a santificação pessoal. Da maior ou menos intensidade de nossa vida interior depende a medida do bem que realizamos.

Tomemos o costume de encarar as cousas segundo as vistas do Cristo, e a obediência se tornará fácil, a humildade habitual e a cruz será acolhida com alegria e reconhecimento. As cruces desapegam-nos da terra e unem-nos a Deus. Negligenciar a prática da mortificação por tibieza é recusar tomar a cruz, ser vítima com Cristo, responder-lhe ao apelo: “Vem!” — nós que tantas vezes protestamos estar prontas a morrer por Ele!” Amamo-IO bastante, para nos privar de comodidades, do conforto, afim de O ajudar a levar a Cruz? Estende-nos a mão para nos conduzir pelas vias da santidade e não O esquecemos, caminhando sem Ele?

Pensem na imensa bondade com que o Senhor nos rodeou, desde a infância e, em retorno, amemo-IO cada dia mais ardentemente. Tomemos a resolução de levar às almas luz e graça. Que o motivo do nosso zelo pelas almas seja o nosso amor reconhecido a Jesús, ao Sagrado Coração de Maria, ao nosso querido Instituto.

Desde a sua fundação, jamais tivemos tão urgente necessidade de almas animadas de zelo ardente, capazes de vencer as potências do mal que ameaçam a segurança do claustro, da Igreja e até mesmo do Estado. A presente crise moral vem suscitando a justa indignação daqueles que se respeitam e ei-los que começam a reivindicar o seu direito à decência. Devemos tomar uma posição decisiva deante desse aniquilamento da nossa civilização católica, ainda que tenhamos de pagar

com a vida nosso gesto, caso vençam as forças do mal ao movimento regenerador da organização do bem. Estando necessariamente nossas alunas no perigo iminente de ser vítimas da nossa época que vai perdendo rapidamente o senso moral e os valores religiosos, com que energia não nos devemos dedicar a defendê-los!

Compreendam as alunas quanto as máximas da moral pagã, fundamentadas inteiramente no egoísmo e no prazer, são responsáveis pela profunda e extensa depressão moral dos nossos tempos. Ensinai-lhes, pois, a distinguir e a praticar de novo os princípios da moral católica, indispensáveis à nossa felicidade e à nossa salvação eterna.

Tomaremos a firme resolução, queridas Irmãs, de recordar, antes de nossas ações, as palavras sagradas: “Sem Mim nada podeis fazer”, suplicando a Jesús que nos ajude, descansando no Seu o nosso fraco coração, e, por Ele, com Ele, e nEle, cumpramos o nosso dever de religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Unamo-nos em fervorosa oração quotidiana, depois da Santa Comunhão, para obter a beatificação de nossos muito amados Fundadores. Continuaremos a recitar três vezes o versículo” “Monstra te esse Matrem”, seguido das aspirações habituais, no fim dos principais exercícios de piedade.

Seremos ainda fiéis às demais práticas de devoção recomendadas anualmente: a Hora de Guarda, a Comunhão reparadora, o dia de expiação, a “Via Sacra” e o Santo Rosário.

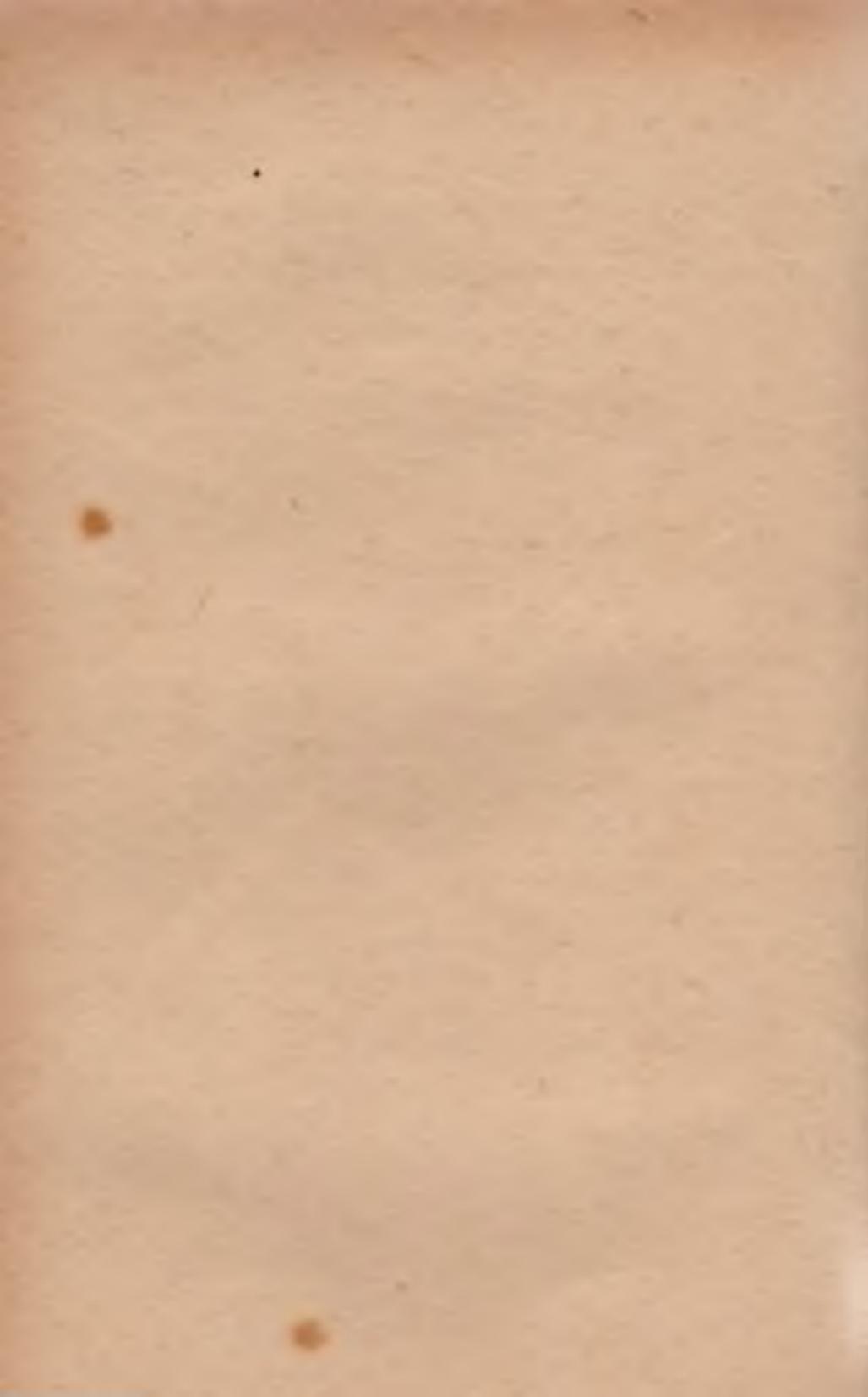
Do 1.º ao dia 9 de cada mês, continuaremos com grande fervor a novena à SS. Virgem, para alcançar boas e numerosas vocações, rezando seis

“Pater”, “Ave” e “Gloria”, com a oração: “Oh! bom e dulcíssimo Jesús” pelo alívio das almas do Purgatório.

Vossa dedicada e afetuosa Mãe em Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral



Circular do ano de 1936

“NADA RECUSAR A DEUS”



OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Dezembro 1935.

Minhas queridas Filhas em Cristo:

Sta. Teresinha do Menino Jesús escrevia no seu diário: "Desde a idade de três anos, nada recusei a Deus". Esta grande generosidade explica-lhe a extraordinária influência no Coração de Nosso Senhor e o grande número de almas que salvou e salvará até ao fim do mundo. Santa Gertrudes exprime em seus escritos que temia profundamente recusar o que fosse a Deus. Quanto à grande santa Teresa, nunca lhe parecia demasiado o que Deus lhe pedia, para satisfazer-lhe o pleno abandono à Vontade Divina. Penetrar-se corpo e alma de Deus, nada reter para si, lançar-se nEle como uma criança nos braços da Mãe, eis o segredo dos Santos, o que regozija o Coração de Deus.

Marcou-nos o Divino Mestre com o sinete do seu amor para fazer-nos compreender que somos sua propriedade. Gravou-nos na alma sua imagem e semelhança, como sinal de nossa adoção e título inalienável de nobreza, que conservaremos até ao grande dia da Eternidade.

Continua a missão de Cristo na terra a religiosa que a tudo renuncia. Fala e procede como

Cristo. Atende à sua voz, para Lhe responder como Samuel: “Falai, Senhor, vossa serva vos escuta!”, ou como David: “Meu coração está pronto! Senhor, meu coração está pronto!” ou ainda como o Sagrado Coração de Maria: “Eis a escrava do Senhor!”

Áqueles que nada Lhe recusam, Deus tudo concede: o dom da oração, da mortificação, do zelo. Que fortuna imensa ao seu alcance!

Estão ligadas as maiores graças à generosidade para com Deus. Mas, se Lhe recusamos alguma cousa, podem seguir-se tristes consequências. Por exemplo: se, por respeito humano, para conservar a estima ou outro motivo qualquer, omitimos avisar nossas Superiores de alguma cousa que sabemos prejudicial à Comunidade, ao Instituto ou a uma só alma, recusamos a Nosso Senhor a cooperação que espera de suas esposas.

Em todas as cousas, pequenas ou grandes, abandonai-vos à vontade de Deus, que se vos manifesta pelas circunstâncias e as ordens de vossos Superiores. Renunciai à vontade própria, submetendo-vos humildemente às contradições. Renunciai ao amor próprio, deixando de parte vossos desejos, vosso modo de ver, vosso juízo, opiniões e gestos, para seguir as inspirações do Espírito Santo. Renunciai ao apego às comodidades e bem estar, para vos marcades com a mortificação do Cristo, que deu a vida pela Redenção do mundo. De que vos servirá, durante os breves anos da existência, fazer vossa vontade, seguir vosso juízo e satisfazer a vossas paixões, se, depois da morte, lhes deveis sofrer as consequências? Reconheçam humildemente seus erros, reparem-nos e peçam uma penitência, as que não podem suportar uma

repreensão das Superiores, uma mudança que se lhes contraponha à ambição ou uma ordem que lhes ofenda o orgulho ou o respeito humano!

Se nada recusarmos a Deus, Ele nos abençoará o trabalho que empreendermos para a santificação das almas. Pelo contrário: procedendo com interesse pessoal, ciúme ou vaidade, não fazendo senão o que é estritamente exigido pela Santa Regra, — resmungando, — não abençoará o Senhor nossos trabalhos e será enormemente reduzida a influência que deveríamos ter.

Quando vos entregardes plenamente a Deus, não sereis tentadas a acreditar que fazeis demasiado, não procurareis concessões contra as Regras e usos, mas permanecereis nas mãos das vossas Superiores, quanto às dispensas necessárias, descanso, e férias requeridas pela vossa saúde. Com este doce abandono, estareis mais aptas a formar Jesús-Cristo nos corações dos outros, pelo vosso exemplo, ensino e exortações. Quantas graças podereis assim alcançar às vossas alunas, para as horas de necessidade, com vossas penitências, mortificações, zelo e devoção à gloria de Deus!

Que pode haver de mais sublime do que formar a mocidade na virtude, diz S. João Crisóstomo? Qual o pintor que com esta poderia justamente comparar sua arte? Jesús-Cristo disse: “O que fizerdes ao menor dos meus é a Mim que o fareis!” Dai a Deus alegremente, com toda a alma e Ele cumprirá sua promessa, infundindo-vos no coração sentimentos de confiança e de amor. Jesús, vendo que empregais sua graça com tanta eficácia, nada vos recusará do que Lhe pedirdes. Ele tem mais desejo de no-la dar do que nós de a receber; mas, se vê que não lhe correspondemos.

no-la retira. Quão triste seria, se, depois de haver tudo abandonado no dia da Profissão, disso se esquecesse uma Religiosa, tornando-se desobediente, cheia de fraquezas e exigências. Infiel à graça, perderia a influênciã e não conseguiria mais realizar o bem em torno de si. Tomai o hábito de dizer depois da Comunhão e frequentemente, no decorrer do dia: “Prometo-vos, Senhor, que nada hoje vos recusarei”.

Estou certa, queridas Filhas, que sereis para Jesús uma grande consolação, durante este ano. Tudo Lhe consagrastes com espírito de sacrifício e imolação; caminhei com Ele, segurando-Lhe a divina mão, pela vereda feliz do Paraíso.

Peçamos todas com fervor a beatificação dos nossos amados Fundadores. No fim dos principais exercícios de piedade, continuaremos a recitar três vezes o versículo: “Monstra te esse Matrem”, seguido das aspirações habituais.

Seremos também fiéis às outras práticas de devoção recomendadas cada ano: a Hora de Guarda, a Comunhão reparadora, a “Via Sacra”, o dia de expiação e o Santo Rosário.

Do 1.º ao dia 9 de cada mês, continuaremos com grande fervor a novena à SS. Virgem, para alcançar boas e numerosas vocações, dizendo os seis “Pater”, “Ave”, “Gloria” e a oração “O’ bom e dulcíssimo Jesús” pelas almas do Purgatório.

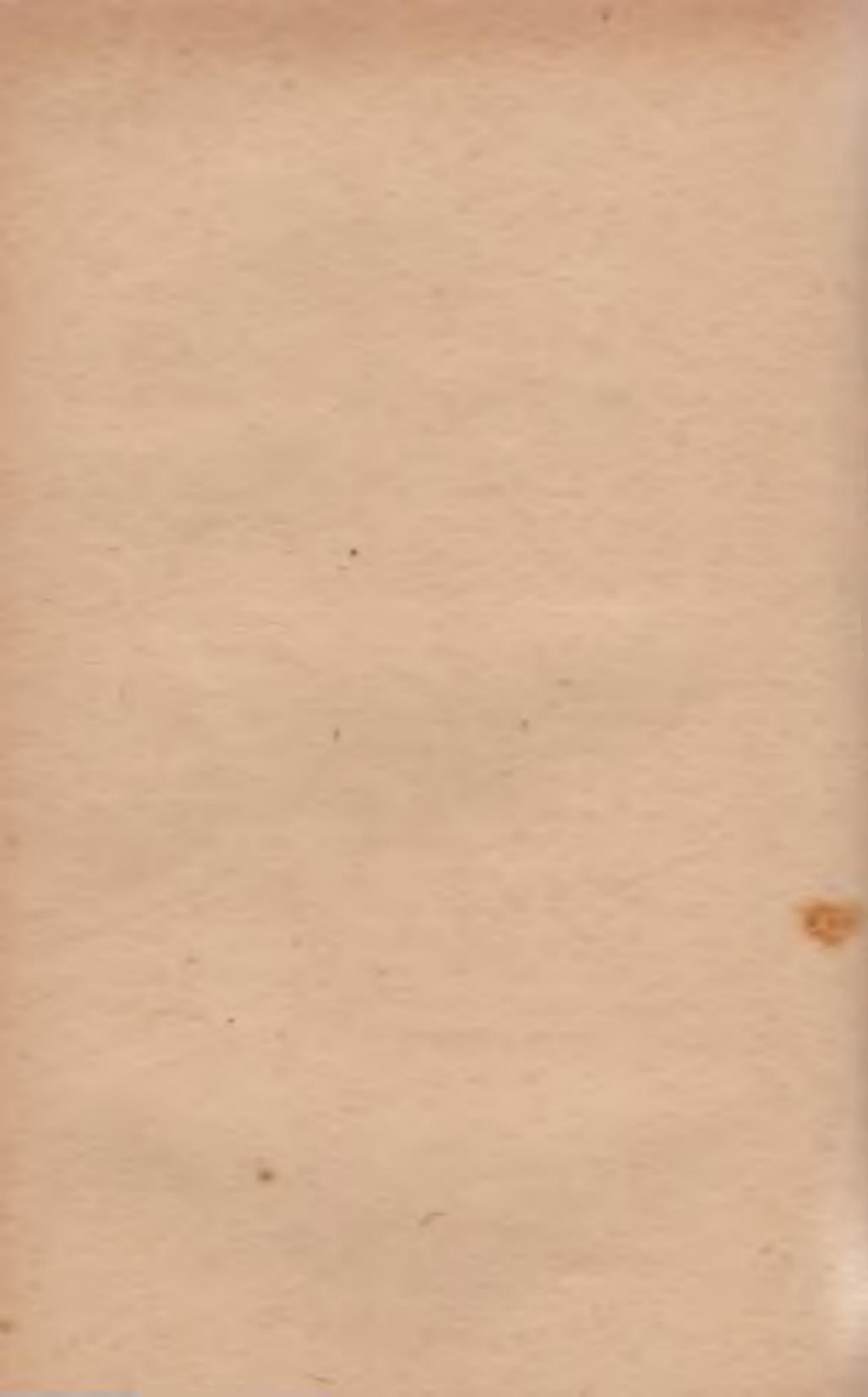
Vossa dedicada e afetuosa Mãe em Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral

Circular do ano de 1937

A VIDA CONFORME Á NOSSA VOCAÇÃO



Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1936.

Minhas queridas Filhas em Cristo:

“Eu, prisioneiro do Senhor, vos conjuro que caminheis de uma maneira digna da vocação à qual fostes chamados”.

Dirigia o grande Apóstolo S. Paulo estas palavras aos primeiros cristãos, escolhidos por Deus para constituir a Igreja. Não é verdade que podemos considerá-las como dirigidas a nós? Sim, fomos escolhidos por Deus para viver fora do mundo, para sermos esposas de Cristo, permanecermos com Ele e fazermos nossos os seus interesses. Nosso Senhor espera que caminhemos de maneira digna da nossa santa vocação, quer dizer: que nos tornemos santas e apóstolas.

Se sempre foi necessário, vivêssemos conforme à nossa vocação, mais imperioso se tornou este dever nestes dias calamitosos em que a Santa Igreja, nossa Mãe, é tão gravemente perseguida na Rússia, no México, na Alemanha e Espanha pelas forças do inferno que juraram esmagá-la.

A esperança da Cristandade repousa em nós, religiosas, que, por esforços enérgicos e constantes de renúncia, devemos contrabalançar a maldade da situação atual. São inteiramente verdadeiras

as palavras de Nosso Senhor: “O Reino do Céu sofre violência e só os violentos o arrebatam”. (S. Mateus, Cap. XI).

Certamente, queridas irmãs, esperando muito de nós o Senhor, não podemos salvar-nos nem aos outros, cruzando os braços, vivendo vida cômoda, mole e cheia de condescendências para conosco. Devemos ser generosas no serviço de Deus, deminarmos, combatendo constante e continuamente o espírito do mundo. Deus assim o ordenou e não passarão as suas palavras. Caminhemos, pois, de modo digno da Nossa vocação, reagindo contra o desleixo espiritual, praticando a mortificação, resistindo à inclinação ao conforto, ao repouso e ao prazer, corrigindo-nos os defeitos de caráter e trabalhando resolutamente para adquirir hábitos de virtude. Eis o que o nosso divino Esposo espera de nós, privilegiadas, filhas do Coração Sagrado de sua Mãe.

Começai enérgica e resoluta a palmilhar mais estritamente as pisadas de Cristo. Suplicai-Lhe que vos conceda força de vontade, particularmente para vencer vossa fraqueza por maior que vos pareça, e a coragem heróica e característica dos santos. Entusiasmai-vos sempre mais pela vossa santa vocação e sede religiosas no sentido integral, cumprido os desígnios de Deus a Vosso respeito.

Quem poderá dizer o que nos reserva o futuro? Podemos ser chamadas, como as religiosas de Espanha, a dar a vida pela fé. Por isto, no seio da nossa existência pacífica e protegida, exercamo-nos a combater a natureza, tão oposta à graça. O campo de batalha deste combate mortal e quotidiano é a nossa alma; o prêmio, uma eter-

nidade de glória. Tornemo-nos semelhantes ao Divino Modelo que nos acolherá no limiar do Céu, quando chegarmos ao fim da vida.

São Paulo nos certifica de que são predestinados à glória eterna os que se tornarem semelhantes a Jesús-Cristo, nosso Salvador. Jesús! manso, humilde, pobre, paciente, caridoso e misericordioso: eis nosso modelo. Copiá-lo, acrescentando cada dia algum ato de virtude como sinal de semelhança entre nossas almas e a do Divino Mestre, eis como tornar-nos dignas de nossa sublime vocação. E' o fim real de nossa vida.

Pensamos nisto seriamente sempre? Não permita Deus que algum membro de nosso Instituto seja indiferente a este fim ou recuse viver uma vida de reparação. A reparação consiste em compensar por nosso amor e sacrifícios as negligências, a negra ingratidão e os ultrages cometidos contra o nosso Senhor e Mestre.

Se descermos ao fundo de nossas almas, encontraremos, por ventura, generosidade bastante, espírito de sacrifício, dedicação ao dever, desejo de sofrer e de morrer por Nosso Senhor, de estender o seu Reino e consolar seu Sagrado Coração?

Maria é nosso grande exemplar nesta vida de reparação que tão bem praticou na terra! Invoquemos-Lhe a poderosa intercessão e poderemos a seu exemplo caminhar de modo digno à nossa santa vocação.

Peço-vos, continueis orações e penitências, para que Deus em breve leve aos altares nossos muito amados Fundador e Fundadora.

No fim dos principais exercícios de piedade, continuaremos a recitar três vezes o versículo: "Monstra te esse Matrem", seguido das jaculatórias

habituais. Seremos também fiéis às outras práticas de devoção recomendadas cada ano: a Hora de Guarda, a Comunhão reparadora, a “Via Sacra”, o dia de Expição e o Santo Rosário.

Do 1.º ao 9.º dia do mês, continuaremos com muito fervor a novena à SS. Virgem, para alcançar numerosas e boas vocações, recitando nesta intenção os seis “Pater”, “Ave”, e “Gloria” e a oração “O’ bom e dulcíssimo Jesús” pelas almas do Purgatório.

Vossa Mãe afetuosa e dedicada em Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral

Circular do ano de 1938

A UNIÃO

OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Marymont College, 1 Dezembro de 1937.
Tarrytown-on-Hudson N. Y.
New York.

Minhas queridas Filhas em Cristo:

O provérbio “A união faz a força” verifica-se na difusão e poder do Comunismo. E’ por causa desta união que o mundo de hoje assiste a um espetáculo de horror jamais igualado na história. O homem afastou-se de Deus, colocou em si mesmo, no seu próprio poder e prodigiosas invenções, sua confiança. Para combater tão deploravel estado de cousas, conjura a Igreja Católica aos seus filhos, que se organizem sob seu estandarte e redobrem de esforços, afim de imitar a tática do inimigo.

Ouvir o apelo da Igreja é não só trabalhar a favor dela e da sociedade, mas ainda ao bem do Instituto. Compreende-se a necessidade dessa união de corações que deve existir entre os membros de nossa Counidade, mormente quando sabemos que o proceder desleal e traidor de um só pode atrair sobre todos o castigo.

Verifica-se a mesma cousa na vida de família: quando um membro não se orienta pelos princípios da vida cristã, recai o opróbrío sobre todo

o lar; e, ao contrário, distinguindo-se um pela virtude e honestidade, o renome a todos envolve. Está cheia a história de exemplos que ilustram esta afirmação, o que nos parece natural. São tão íntimos os laços que unem as Comunidades religiosas que o bom ou mau procedimento de um só membro pode atrair bençãos ou maldições sobre a Comunidade inteira.

Será possível aquilatar-se exatamente do valor do tesouro que representam para a Ordem um S. Bento, um S. Francisco de Assis, um Santo Inácio e tantos outros santos da mesma têmpera?

Que inesgotável manancial de bençãos deles decorrem para os trabalhos apostólicos de seus sucessores e quantas vezes não animaram seus exemplos vocações irresolutas ou retemperaram de energia e força vontades hesitantes! “Uma casa dividida contra si mesma cairá”. A história e a experiência fornecem tristes exemplos dos estragos causados pela discórdia e desunião, nos países, cidades e comunidades. A primeira causa de decadência das Ordens Religiosas é a falta de união. Na vida Religiosa, somos responsáveis uns pelos outros. Deus assim o quis e estabeleceu: pagam todos as faltas e pecados de um só. O mundo neste ponto está de acordo com Deus, e aplica inexoravelmente esta lei às Comunidades Religiosas. Distinga-se pela ciência ou santidade uma Religiosa, o mundo pouco reconhece; se não tiver união com suas irmãs, o escândalo é imediatamente anunciado dos tetos e toda a Comunidade envolvida no desprezo. Qual a resolução prática que devemos tomar para intensificar nossa união com a Casa-Mãe, com as diferentes casas do Instituto, e umas com as outras? Que felizes seremos, se pu-

déssemos enriquecer o tesouro das boas ações da Comunidade com a maior soma de méritos possível, afim de que nossas irmãs possam dele gozar imediatamente e também nos sirva mais tarde, na medida de nossas necessidades! Eis a união sob uma de suas mais nobres formas. Comunica-nos seus méritos o Instituto; não é verdade que devemos dar em retorno, conseguindo-os para seus membros? Não é difícil às Filhas do Sagrado Coração de Maria levar ao tesouro do Coração de sua Divina Mãe um imenso acréscimo de merecimentos: orações fervorosas, exata observância das Constituições e dos votos, contradições, correções, doenças suportadas com resignação, sacrifícios conhecidos de Deus só. Tudo isto atrai bençãos particulares às pessoas e gerais, ao Instituto. A Religiosa, unida de coração à sua Comunidade, consagra, sem os medir, a serviço de suas irmãs, forças e talentos, persuadida de que, faça o que fizer, jamais poderá pagar a dívida de reconhecimento que contraiu para com o Instituto.

A Religiosa, unida à sua Comunidade, fala e procede deante do mundo de acordo com as leis da prudência, da dignidade e da caridade. lembrando-se de que o bom nome da Comunidade a que pertence, lhe está entre as mãos. Uma amabilidade, uma gentileza, uma palavra de estímulo santo inspira confiança e boa vontade para com a Comunidade; ao passo que, pelo contrário, — e quantas vezes acontece! — uma palavra indiscreta, a falta de delicadeza, o mau humor podem abaixar o nível da Comunidade e anular a estima de que goza.

Queridas Filhas espirituais, rezai muito, para que vivamos intimamente unidas em Deus, e seja-

mos testemunhas de uma santa emulação entre os membros do nosso querido Instituto, na prática de todas as virtudes religiosas, edificando-nos mutuamente e atraindo as bênçãos de Deus e a estima do mundo. Plenamente confiante, espero que vossa união já tão estreita se acentuará cada vez mais. Dela destes prova no passado, pelos vossos trabalhos apostólicos; firmá-la-eis de maneira ainda mais admirável, pela união de alma e coração com o vosso Instituto. Peço ardentemente a Deus que esta santa e perfeita união das religiosas do “Sacré Coeur de Marie” seja uma glória para a Igreja no momento e console o nosso Santo Padre, o Papa, cujo coração tanto sofre, ante os males causados pelo Comunismo.

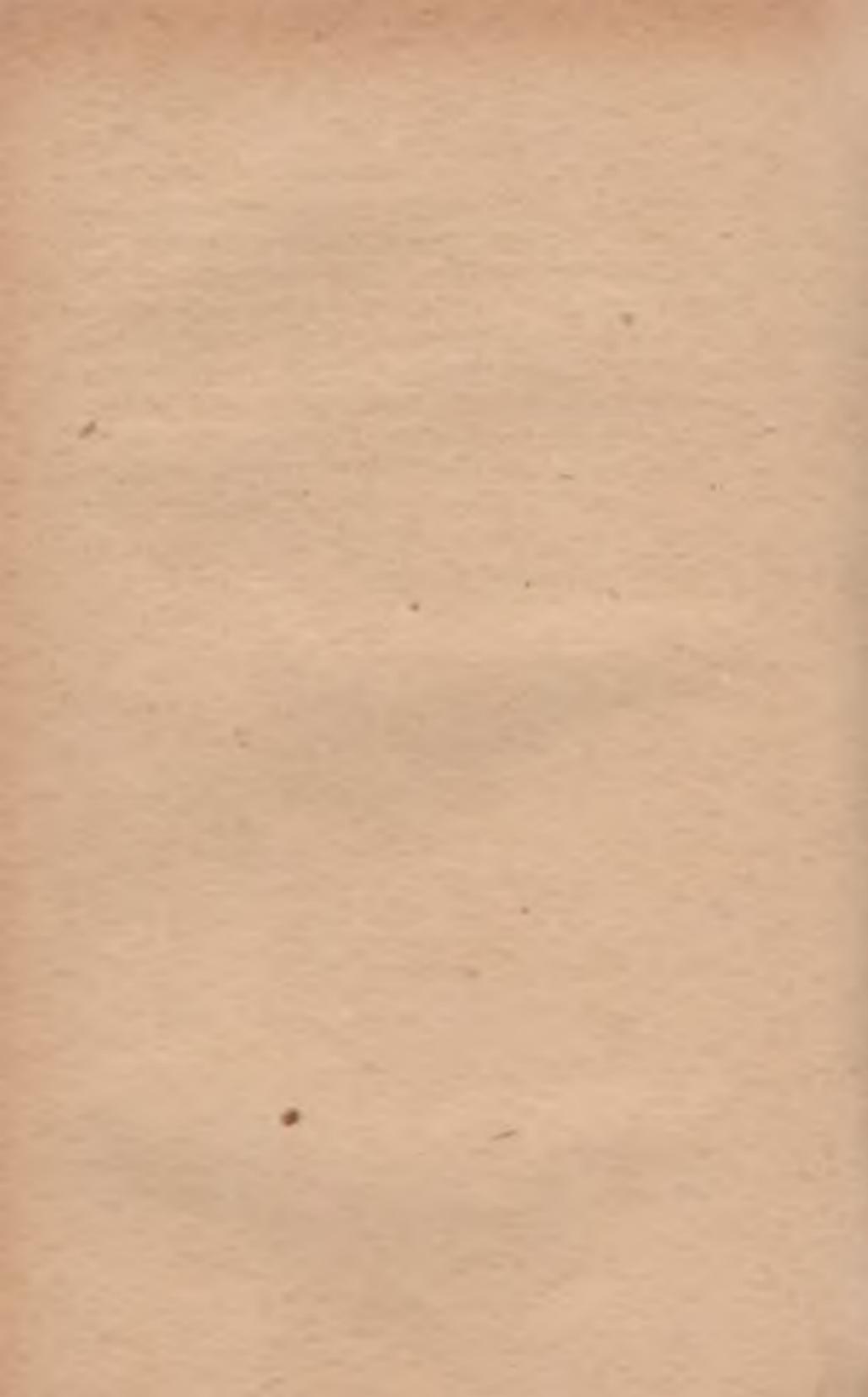
Como sabeis, queridas Filhas, realizar-se-à o Capítulo Geral em Agosto, para a eleição da Superiora Geral e de suas Assistentes. Rogo-vos, supliques instantemente cada dia ao Divino Espírito Santo, para que seja o nosso Oráculo, na escolha da nova Superiora Geral, afim de que possua a eleita, a um tempo, o espírito de prudência e de progresso e se deixe intensamente dominar pelo desejo de aperfeiçoamento e expansão do nosso querido Instituto. Antes de depor o cargo, sinto necessidade de exprimir-vos o meu reconhecimento pela vossa dedicação e piedade filial; peço-vos, continueis a rezar por mim e prometo-vos, de minha parte, jamais vos esquecer, na vida e na morte. Que Deus vos abençoe a todas!

Peço-vos também, perseverais na oração e penitências, na intenção de vermos elevados aos altares os nossos muito amado Fundador e querida Fundadora.

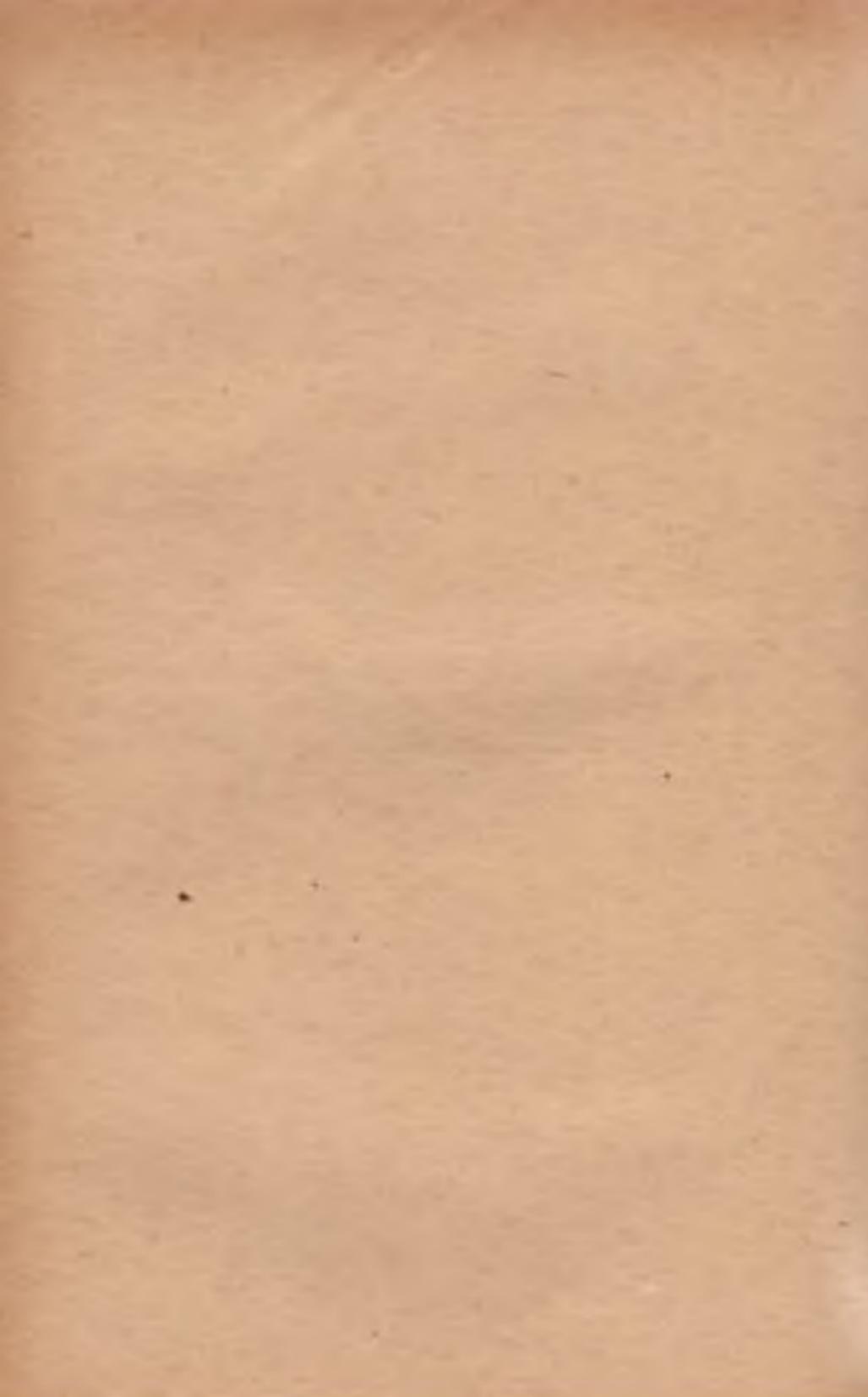
No fim dos principais exercícios de piedade, continuaremos a recitar três vezes o versículo: “Monstrate esse Matrem”, seguido das invocações habituais. Seremos também fiéis às práticas de devoção recomendadas cada ano: a hora de guarda, a Comunhão reparadora, a “Via Sacra”, o dia de expiação e o Santo Rosário. Do 1.º ao 9.º dia de cada mês, com grande fervor, façamos a novena à SS. Virgem, para obter boas e numerosas viciações, recitando os seis “Pater”, etc., seguidos da oração “O’ bom e dulcíssimo Jesús”, pelas almas do Purgatório.

Vossa Mãe dedicada e afetuosa em Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.
Superiora Geral



Após o Capítulo Geral de Agosto de 1938, remetidos os resultados da reunião generalícia ao Eminentíssimo Cardeal Engênio Pacceli, então Protetor do Instituto, recebeu nossa Revda. Madre Geral, do seu ilustre Superior Hierárquico, a carta que segue.



Vaticano, 16 de Setembro de 1938.

Revda. Madre Superiora Geral:

Soube com grande satisfação, pela vossa carta de 30 de Agosto último, que o Capítulo Geral do Instituto vos confirmou no cargo de Superiora Geral.

Felicito-vos e não duvido do resultado com o qual continuareis a exercer, como no período anterior, esta função. Achareis certamente auxiliares preciosas na pessoa de vossas colaboradoras e agradeço-vos o me haverdes comunicado seus nomes.

Quanto às decisões tomadas no Capítulo Geral, lí com interesse o resumo que me enviastes. Julgo-as boas e oportunas, principalmente a que se refere às maneiras atenciosas e delicadeza perfeita a inspirar às alunas que, entretanto, devem habituar-se a não as encarar como simples convenção mundana, mas antes como fruto natural de uma caridade esclarecida e inspirada sempre por motivos sobrenaturais.

Renovando-vos as minhas felicitações, às quais de bom grado junto a benção que me pedís, rogo-vos, aceiteis, Madre Superiora Geral, os meus sentimentos de religiosa dedicação em Nosso Senhor.

EUGÊNIO,
CARDEAL PACCELI.

Circular para o ano de 1939

UNIÃO MAIS ÍNTIMA COM DEUS

OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1938.

Minhas caríssimas Filhas em Nosso Senhor:

Na última reunião do Capítulo Geral, realizada em Rennes, no mês de Agosto de 1938, tive a grande alegria e consolação de receber tão boas referências ao espírito de paz e união que caracteriza o nosso Instituto e de, por mim mesma, verificar-lhe o progresso. A expansão rápida de que goza o nosso Instituto é a mais apetecida recompensa desse espírito de caridade e condescendência que reina por toda a parte: a união faz a força!

Afim de conservar e enriquecer tão precioso depósito, como preparação ao Centenário da Congregação e para reparar os crimes atrozes dos nossos tempos, sinto necessidade de me entreter convosco de assunto sublime — “ a união mais íntima com Deus”. Não há meio mais eficaz para a conseguir do que a séria e constante meditação das obras do nosso venerado Padre Fundador.

Entre as Ordens religiosas que nos dirigem os retiros, os Padres do Carmo, os Jesuitas e os Redentoristas tem manifestado calorosamente sua opinião a respeito desses escritos, julgando-os como manancial abundante de inspiração, em meio aos seus trabalhos de apostolado. Se esses Rev-

mos. Pregadores podem retirar tantos frutos do estudo de tão precisos volumes, quanto não poderemos aproveitar, quando foram preparados expressamente para nós, que os temos por herança sagrada. Sabemos, nós, Religiosas do “Sacré-Coeur de Marie”, que eles nos trazem uma mensagem especial, porque, ao nosso aproveitamento e ao trabalho que devemos realizar junto das almas, se lhes condicionou a inspiração.

Só o tratado da Vida Interior representa, por si, uma mina de ouro de elevado quilate. Nossos Santos Fundadores compreenderam o segredo da íntima união com Jesús-Cristo. Viveram unicamente para propagar a glória de Deus. Foram modelos de vida interior.

Felizmente nosso Instituto está saturado de seus exemplos, de suas virtudes e das tradições que estabeleceram. Dos seus méritos extraímos nossas energias espirituais e a inestimável graça de perseverar na vocação religiosa. Tudo o que nos rodeia, até as máximas sagradas que ornaram as paredes de nossas casas, são excitamentos a união mais íntima com o nosso querido Instituto.

Quando precisarmos de mais caridade em substituição ao espírito de crítica; de mais doçura, paciência e resignação, de maior discreção nas relações com os seculares, de mais tranquilidade e serenidade; temos a certeza de que o privilégio de nossa íntima união com o nosso Instituto, de nossa confiança nele compensar-nos-á até certo ponto o mau humor e nos protegerá contra o orgulho e fraqueza de caráter. Ora, nossos Fundadores, com divina clarividência, nos criaram um Instituto de santificação e graça: um Instituto de justiça, de paz e amor.

Tive o inestimável privilégio de ouvir frequentemente o venerando Padre Fundador exortar suas filhas à virtude heróica e explicar-lhes a grandeza da nossa alma, capaz de íntima união com Deus. Para se conseguir a realização dessa união íntima, é preciso que exista um estreito laço entre Deus e a alma, facilitando-lhes as espontâneas efusões de amor. E' necessário, antes de tudo, o exato conhecimento de Deus qual se revela no Evangelho: coração ardendo de amor pelas suas criaturas, caridade sem limites pelo pecador, piedade profunda pelos fracos e miseráveis. Este conhecimento de Deus leva naturalmente ao Amor Divino que, por sua vez, desperta na alma ardente desejo de união mais íntima com Ele.

Na alma humana do eleito, existe a aspiração profunda dessa intimidade sagrada com Deus, para O contemplar tal qual é na realidade: "O' Beleza sempre antiga e sempre nova!" "Creastes-nos para Vós e nosso coração viverá sempre inquieto até que descanse em Vós!" (Sto. Agostinho). Para satisfazer a esta necessidade da alma, lemos no Evangelho que Simão Pedro, André, Tiago e João tudo abandonaram para seguir Nosso Senhor. Decorreram séculos após esse tempo e Cristo continua a atrair a preciosa amizade dos que tudo deixaram para O seguir.

No âmago da alma humana, há um asilo sagrado que nada pode perturbar, onde não alcançam penetrar as cousas exteriores. Dizem-nos os teólogos e disto temos experiência, do momento em que nos introduzimos nesse retiro sagrado, encontramos-nos ante uma Presença invisível, achamo-nos face a face com Aquele a Quem nenhuma porta pode dificultar, nenhum poder na terra logra

impedir a entrada. A partir do instante em que acreditamos estar a sós com Ele, que nos ama de um amor mais do que materno, que vela pelos nossos interesses e provê a todas as nossas necessidades, com Ele que é a nossa vida, aprendemos a buscá-LO até em meio a nossas ocupações mais absorventes. Encontramo-LO sempre pronto a conceder-nos luz e graça. Desse retiro interior, ensina-nos a apreciar o valor da nossa vocação religiosa, cura-nos de nossas enfermidades, do amor próprio e despoja-nos enfim das inclinações desregradas.

Anime-nos, pois, um único desejo: de mais íntima união com Deus. Grande obstáculo ao adiantamento espiritual, a convicção de que Deus por uma ou outra razão, não nos permitirá jamais essa intimidade com Ele; julgamo-nos indignas dos seus favores, em razão de nossas infidelidades. Tais sentimentos manifestam grande falta de confiança e não será nunca realmente íntima nossa união com Deus, se não acreditarmos no seu infinito Amor por nós.

A vida religiosa pressupõe a imolação da criatura. E' a religiosa uma vítima e um apóstolo. Mas aquela que se absorve na multiplicidade das causas mundanas, se habitua a uma atmosfera de movimento, de constante atividade, de precipitação e de amor próprio que a fará achar difícil viver da vida interior.

Todas as misérias da vida religiosa derivam do orgulho e do egoísmo. Antepõem-se os interesses pessoais aos gerais e ao bem da Comunidade. Na vida de S. José, modelo da vida interior, o que nos encanta mais que tudo é o seu esquecimento completo de si. Viveu unicamente para Jesús e Maria, realidade de divina beleza.

“Precede o orgulho à queda”. A religiosa orgulhosa é um princípio fecundo de mau exemplo numa Comunidade e um insulto ao Deus Onipotente. Já tivemos ocasião de testemunhar os tristes resultados do orgulho na vida religiosa. Expulsemos do coração e do espírito qualquer pensamento ou sentimento de orgulho que poderiam traduzir-se em atos e constituir motivo de escândalo grave para os outros; esforcemo-nos por nos assemelhar ao nosso manso e humilde Esposo. Nada é possível na vida religiosa sem humildade.

A SS. Virgem que se declarou “humilde escrava do Senhor”, será nosso modelo. Vivemos especialmente à sombra do seu Estandarte; marcamos, indeleveis, os três sinais de sua vocação. Ensina-nos, como Rainha dos Apóstolos e Mãe da Igreja nascente, pela palavra e pelo exemplo, desde a sua Apresentação ao Templo; foi vítima desde o momento da sua consagração até à Cruz, e adoradora, da Anunciação à Assunção. Concedendo-nos o privilégio de trazer o belo nome do seu Coração Sagrado, dá prova de grande amor por nós. Ela é o vínculo de amor que nos une intimamente ao seu Divino Filho: “Tudo a Jesús por Maria”, não só o fruto da árvore, mas a própria árvore.

Mau grado nossos defeitos e fraquezas, foi-nos confiada uma missão divina por Jesús Cristo. “Tudo o que fizerdes ao menor destes pequeninos é a Mim que o fareis”. Entregai-vos alegremente ao dever. “Um santo triste é um triste santo”, nota S. Francisco de Sales. A alegria e o bom humor são comunicativos. Atraem o coração como por encantamento. A alegria e a felicidade no serviço de Deus, eis uma necessidade absoluta. A

tristeza e a melancolia fazem muito mal. Se quisermos ganhar almas e animar vocações, sejamos entusiastas e felizes! Mas nossa alegria está em proporção com a nossa união com Deus.

Concluindo, espero ardentemente, como membros do Instituto do “Sacré-Coeur de Marie”, pela observância exata da Santa Regra e nobre espírito de renúncia e de sacrifício, vos torneis a glória e a coroa de nossos Santos Fundadores, na bemaventurada eternidade.

Suplico-vos ainda: continuai orações e penitências, para que Deus eleve à honra dos altares nosso querido Fundador e amada Fundadora.

Encerrando os principais exercícios de piedade, recitaremos três vezes o versículo; “Monstrate esse Matrem”, seguido das invocações de uso. Seremos também fiéis às outras práticas recomendadas cada ano: a hora de guarda, a Comunhão reparadora, a “Via Sacra”, o dia de expiação e o Santo Rosário.

Do 1.º ao 9.º dia de cada mês, continuaremos, com intenso fervor, a novena à SS. Virgem, para alcançar boas e numerosas vocações, dizendo os seis “Pater”, “Ave” e “Gloria”, seguidos da oração; “O’ bom e dulcíssimo Jesús” pelas almas do Purgatório.

Vossa dedicada e afetuosa Mãe em Cristo,

MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral

Circular para o ano de 1940

**IMITAÇÃO DAS VIRTUDES DO SAGRA-
DO CORAÇÃO DE MARIA**



OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Casa-Mãe, 1 de Dezembro de 1939.

Minhas queridas filhas em Cristo;

E' com um coração de Mãe, dilacerado de dor, ansiedade e graves receios para o futuro, que vos dirijo esta carta anual.

A angústia de não receber vossas notícias em intervalos regulares, em razão de interrupções no serviço marítimo, e de não saber se estais bem e salvas, me enche de tristeza. Algumas de vós fostes arrancadas aos vossos conventos e privadas da consolação da vida da Comunidade; a vós, assim provadas, conjuro de modo particular que sejais mais fiéis do que nunca à nossa Santa Regra, e por vossa observância, silêncio e caridade, tornai-vos um motivo real de edificação para os seculares.

Há pouco tempo, foi grande minha alegria em vós e para vós, na ocasião da audiência especial que nos concedeu nosso Santo Padre Pio XII, pelo verdadeiro afeto paternal com que nos recebeu. Foi uma honra extraordinária e uma consolação imensa para mim, receber um privilégio tão fora do comum, como é o de continuar sua Santidade como Protetor do nosso Instituto. Abri meu coração a sua Santidade e dei livre expansão às mi-

nhas aspirações e esperanças sobre o nosso querido Instituto e cada membro em particular.

Disse-lhe que minhas filhas espirituais não me dão preocupação nem ansiedade. Isto alegrou muito o Santo Padre. Parecia uma visita a Nosso Senhor em pessoa, porque, no Seu Vigário visível, eu vi e reverenciei Nosso Senhor. Sua Santidade abençoou nosso espírito de união e ficou contentíssimo, ao saber que nunca houve divisão em nossas fileiras. E' para nós um dever velar para que continue a reinar este espírito de união entre nós.

Quão depressa veio a cruz, seguindo de perto a recepção tão jubilosa e consoladora! As condições são trágicas na Europa, com a visão da guerra no horizonte. Aquí também, na América, existe perplexidade, perturbação e confusão. Mas o Sol de Deus não cessou de brilhar e Sua misericórdia e bondade hão de dominar a situação.

Ouvi dizer uma vez que Sacerdotes e Religiosos indignos são em grande parte responsáveis pelo estado infeliz do mundo de hoje. Segundo o Pe. Plus, S. J., são eles repreensíveis, por não terem previsto a Revolução Francesa de 1789; a Revolução Portuguesa em 1910; a Revolução Espanhola em 1931, e por não terem percebido as táticas de Lenine e seu partido, no Terror Russo. Será uma lição para o futuro!

Nestes dias tristes de desintegração e revolta geral e de rejeição à Lei de Cristo, volvemos naturalmente os olhos à nossa querida Mãe, Maria SS., cujo Coração foi traspassado de uma espada de dor e para nosso Fundador amado, a quem devemos a própria existência. Ouvimos-lhe estas palavras inspiradas, — palavras vibrantes de intenso entusiasmo para com Deus: “Deus predes-

tinou uma multidão de almas abrasadas de amor ardente, cujos raios chegarão aos confins da terra, para aquecer e abrasar. Esses focos acenderão a chama da caridade divina, sempre crepitante nas Comunidades Religiosas.”

Nosso amado Fundador sentiu imensa alegria e consolação, ao pensar que o “Sacré-Coeur de Marie” é um desses braseiros de amor. Dirigindo-se diretamente às suas Filhas espirituais, repetiu-lhes as seguintes impressionantes palavras: “Sois do número dessas almas predestinadas. A vossa missão é acender o fogo do amor divino que se extingue nas almas, de reanimar o mundo que se esquece do Cristo.”

A nossa sublime vocação é uma vocação de amor. Amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e implantar esse divino Amor no coração de todos. Esta é a nossa vocação celestial de Esposas de Cristo e de verdadeiras Filhas do Sagrado Coração de Maria! Nosso trabalho de amor deve continuar-se até que o mundo inteiro nele se abrase.

Eram os Sagrados Corações de Jesús e de Maria as devoções especiais do nosso Santo Fundador. Em reparação das ofensas que recebem esses augustos Corações, ele exerceu um domínio rigoroso sobre os sentidos. Notícias do mundo não o interessavam. Expulsou do pensamento tudo que não se relacionava com Deus. Nada o preocupava, a não ser a entronização de Cristo, como Rei, nas almas de todos. Ninguém poderia imaginá-lo, lendo jornais ou ouvindo rádio. Sua única ocupação eram as cousas espirituais. Quantas vezes o ouvi, exortando suas filhas à pratica das virtudes do Sagrado Coração de Maria, par-

ticularmente do seu silêncio, humildade, caridade e espírito de sacrifício.

Que modelo é Maria abismada em santo recolhimento! Com que alegria e ternura Nossa Senhora vos ensinará a viver a vida interior! O silêncio e a santidade são inseparáveis. O Pe. Faber denomina o silêncio o oitavo Sacramento. A falta de silêncio é muitas vezes a causa da ineficácia do nosso apostolado. Cultivai a tranquilidade em vossas palavras, em vossas maneiras. Falai habitualmente baixinho e o que disserdes terá dupla força. Se toda a gente vos tem por uma pessoa que exagera, nunca fareis impressão em quem quer que seja.

“Eis aqui a escrava do Senhor!” Foi a humildade de Maria que lhe valeu o privilégio de ser Mãe de Deus. “Pela virgindade Ela agradou a Deus, mas pela humildade O concebeu”. À sua perfeita correspondência à graça deve o lugar que ocupa no Céu à direita de Jesús, participando com Ele do governo do mundo.

Ela vos ajudará a corresponder à graça, se sois fiéis na observância das menores obrigações, tais como a benção das horas e meias-horas, etc... Pedi-lhe com todo o ardor para tornar o vosso coração semelhante ao do Seu Divino Filho — manso e humilde.

A rainha de todas as virtudes — a caridade ou amor de Deus — foi a flor mais bela que desabrochou no Coração de Maria. Seu amor a Deus e ao próximo não teve semelhante na vida humana. Agora digei: quem, na verdade, será mais capaz de nos ensinar a viver para Deus e em Deus e amar ao nosso próximo como a nós mesmos, do que Ela, cuja vida foi um ato contínuo

de amor e adoração divina? Oh! queridas filhas, refugiai-vos continuamente no Seu Coração Sagrado, e sereis outros Cristo.

A vida do Sagrado Coração de Maria foi uma vida de sacrifício. Ela ficou de pé, junto à cruz, assistiu à morte de seu Filho, uniu-se-Lhe nos sofrimentos, e os ofereceu a Deus por nossa salvação. Somos incapazes de compreender seus sacrifícios extraordinários sem uma graça especial. Impotentes, as palavras humanas para exprimi-los de maneira adequada! Ultrapassam tudo que uma inteligência criada pode idear. Os sacrifícios da alma — renúncia a si mesma, prontidão em submeter-nos aos juizos que nos contrariam ou dos quais desconfiamos, às suspeitas e ao ridículo — são mais dolorosos que os do corpo.

Perguntou Nosso Senhor a Seus Apóstolos, quando lhes mandou pregar a doutrina que lhes ensinara: “Podeis beber o cálice que eu beber?” Nosso Senhor vos pergunta também: “Podeis beber do Cálice? Podeis suportar a vossa parte nos sofrimentos do Vosso Mestre? — Que resposta dareis? Tenho a certeza de que será: “Sim, Senhor, podemos!”

Os sacrifícios ganham almas pela força do exemplo. São as jóias que Deus dá para santificar as vossas almas. Se o mundo deve ser restaurado em Cristo, cada religiosa tem de trazer uma contribuição generosa de sacrifícios. Do seu número e qualidade, depende o estabelecimento do Reino de Deus. Quando almas religiosas fervorosas se decidirem plenamente a auxiliar ao Cristo, então a Redenção deste pobre mundo louco será inteiramente consumada.

As religiosas do “Sacré-Coeur de Marie” não abandonarão o Mestre! Compreenderão que as envolve a solicitude de Nossa Senhora! Se fostes preservadas de um sem número de fraquezas é graças à proteção do Sagrado Coração de Maria! Suplicai-lhe que vos dê alguma cousa de sua fé sem limites e de sua energia inquebrantavel, para lutar pela causa de Cristo! Ela venceu o Dragão, Ela há de vencer Satanaz, solto hoje, neste mundo desesperador.

Recomendo muito particularmente às vossas orações as intenções do nosso caro Santo Padre, cujo coração está esmagado sob o peso de responsabilidades gigantescas. Nosso Venerando Fundador tinha um forte e constante apego ao Vigário de Cristo. Quando já avançado em idade, foi até Roma para prestar homenagem a Leão XIII e obter a aprovação final e benção de Sua Santidade para o Instituto que ele amou tão ternamente. Se vivesse hoje, certa estou de que havia de aconselhar instantemente o estudo cuidadoso e constante das Encíclicas dos Papas. A Encíclica do nosso atual Sto. Padre é uma mensagem ao mundo que perdeu as âncoras e se move desesperadamente no chaos para um destino desconhecido. E' mais do que um testemunho de Fé. E' um chamamento à razão e à justiça. O Santo Padre põe o dedo infalivel na chaga das heresias da moderna sociedade, heresias contra a Igreja, heresias contra a ordem natural; contra a verdade revelada e contra a reta razão. Pio XII, em sua obra prima, levanta mais uma vez a eterna questão “Porque nascemos?” “Para que fim vivemos?” A nossa idade, que relegou a religião e a filosofia para os lugares obscuros e se concentrou quasi inteiramente em fins

econômicos e progresso técnico, deu em anarquia e dissolução.

Outro vez, quero exprimir-vos, queridas filhas, à sombra da Cruz, meus sentimentos íntimos de pesar e assegurar-vos das minhas contínuas orações. Que Deus abençoe e proteja a todas as minhas muito queridas filhas e faça delas grandes santas!

Peço-vos, continueis vossas orações e sacrificios, para que o Deus Onipotente em breve eleve aos altares nossos venerandos Fundadores. No fim dos principais exercícios de piedade, recitaremos três vezes, como nos anos passados, o versículo: “Monstrate esse Matrem”, seguido das jaculatórias usuais. Seremos fiéis também às outras práticas de devoção recomendadas cada ano: a Hora de Guarda, a Comunhão Reparadora, a “Via Sacra”, o Dia de Expição e às quinze dezenas do Rosário.

Do 1.º ao 9.º dia de cada mês, façamos com grande fervor a novena à SS. Virgem para alcançar boas e fervorosas vocações, recitando seis “Pater”, “Ave”, “Gloria” e a oração: “O’ bom e dulcíssimo Jesús...” para o alívio das almas do Purgatório.

Vossa dedicada Mãe em Cristo,

MÈRE MARIA JOSÉ BUTLER, R. S. C. M.

Superiora Geral



Em Janeiro de 1940, recebemos, com as Boas-Festas, esta última e dolorosa circular da Revda. Madre Maria José Butler, Superiora Geral.

Adoeceu a Revda. Madre, no início de Abril e foi poupada, quase miraculosamente, até às suas Bodas de Diamante de Profissão Religiosa, a 22, quando sentiu melhoras suficientes para receber suas filhas e conversar com elas.

Logo no dia seguinte, após o feliz privilégio, (quão poucos chegam aos 60 anos de Profissão Religiosa!) entregou a bela alma a Deus.

Acrescentamos a carta que noticia as últimas manifestações da sua preciosa vida e o telegrama de Sua Santidade Pio XII, Protetor da Congregação no cargo supremo, como quando Cardeal Pacceli, e por isso, alvo da respeitosa gratidão das Filhas do “Sacré-Coeur de Marie”.

OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

Marymount, 26 de Abril de 1940.

Querida Madre:

Quando lhe escrevi, a 22 de Abril, meu coração estava cheio de ansiedade, mas não pensava que a morte chegaria tão cedo para a nossa querida Mãe R. I. P. Que a Vontade de Deus seja feita! Êle a levou para gozar de recompensa eterna, os nossos corações estão traspassados de dor; aceitamos, porem, com generosidade a grande cruz que Deus nos mandou. A força para levá-la não nos faltará.

Conhecendo a sua dedicação pela nossa preciosa Mãe, compreendo quanto deseja notícias dos seus últimos momentos na terra. A fraqueza da qual falei na minha carta de 22, intensificou-se, visto não poder alimentar-se nossa Rvda. Madre. A noite de segunda feira passou-a em grande aflição, e a consequência foi a profunda mudança que nela se notou logo, na terça feira, pela manhã. Realizou-se uma junta médica, sendo tentado o impossivel para salvá-la. Notaram uma melhora à uma hora da tarde, na terça feira, e a boa notícia alegrou a todas, mas não durou. Às 3 horas nossa Mãe muito querida teve um colapso cardíaco. Felizmente o médico, a enfermeira, a

Irmã, Madre Maria Batista e eu estávamos no quarto. Chamaram imediatamente o Pe. Lynch e a Comunidade. Enquanto se rezavam as orações dos moribundos, nossa preciosa Mãe deu sinais de não ter perdido o uso dos sentidos e às suas últimas palavras — “Jesús, Maria, José” — em poucos segundos, sossegadamente voou à mansão eterna. Tão sossegada, tão despercebida que os presentes o ignoraram até ouvirem as palavras do “De profundis”.

Durante aquela memorável meia hora que passamos perto do leito da nossa Madre Geral moribunda, aprendemos a significação da grande verdade: como vivermos, morreremos. Junto ao seu leito de sofrimento, fomos testemunhas da perfeita doação à Vontade Santíssima de Deus e do dom precioso de paz que um tal abandono dá à alma, no instante da morte. Unida a Deus a vida inteira, Ele veio assistí-la, quando mais precisou. Embora impossibilitada de alimentar-se, não lhe foi negado o alimento de sua alma. Até ao último dia, recebeu Nosso Senhor no coração. As que assistiram a essas comunhões não hão de esquecer o que experimentaram: impressões tão sagradas que será impossível descrevê-las. Nossa Reverenda Madre parecia perdida a todo o criado. Passava à presença de Deus. Foi esta presença que a ajudou a padecer tantos sofrimentos, durante essa última doença. Sujeitou-se sem uma queixa aos diversos e dolorosos tratamentos tentados para lhe prolongar a vida preciosa.

Das 13 horas às 15 e meia de terça-feira, à tarde, nossa Reverenda Madre estava bem disposta e falava aos presentes. A Madre Batista e eu não podíamos deixar de notar, entretanto, que ela

sentia grandes saudades, porque se referiu às queridas filhas do Instituto, exprimindo um saudoso desejo de as ver a todas e depois pediu-nos que não a deixássemos.

Como sabe, nossa Reverenda Madre Geral quase morreu no Domingo, dia 7 de Abril. Foi prodigiosamente poupada, afim de poder completar seus 60 anos de Profissão Religiosa, a 22 de Abril. Morreu no dia seguinte e, esta manhã, festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, foi enterrada na Cripta da Capela.

Foi-lhe revelado o dia da sua morte, como Deus faz a algumas grandes almas, pois, no Domingo passado, 21 de Abril, disse ao Médico que só tinha mais dois dias de vida.

Visto partir amanhã o “Clipper”, devo mandar esta hoje. Queria tanto narrar tudo! Remeterei os recortes de jornais, mas os incidentes que se deram antes e durante a doença de Nossa Reverenda Madre, só mais tarde poderei referi-los.

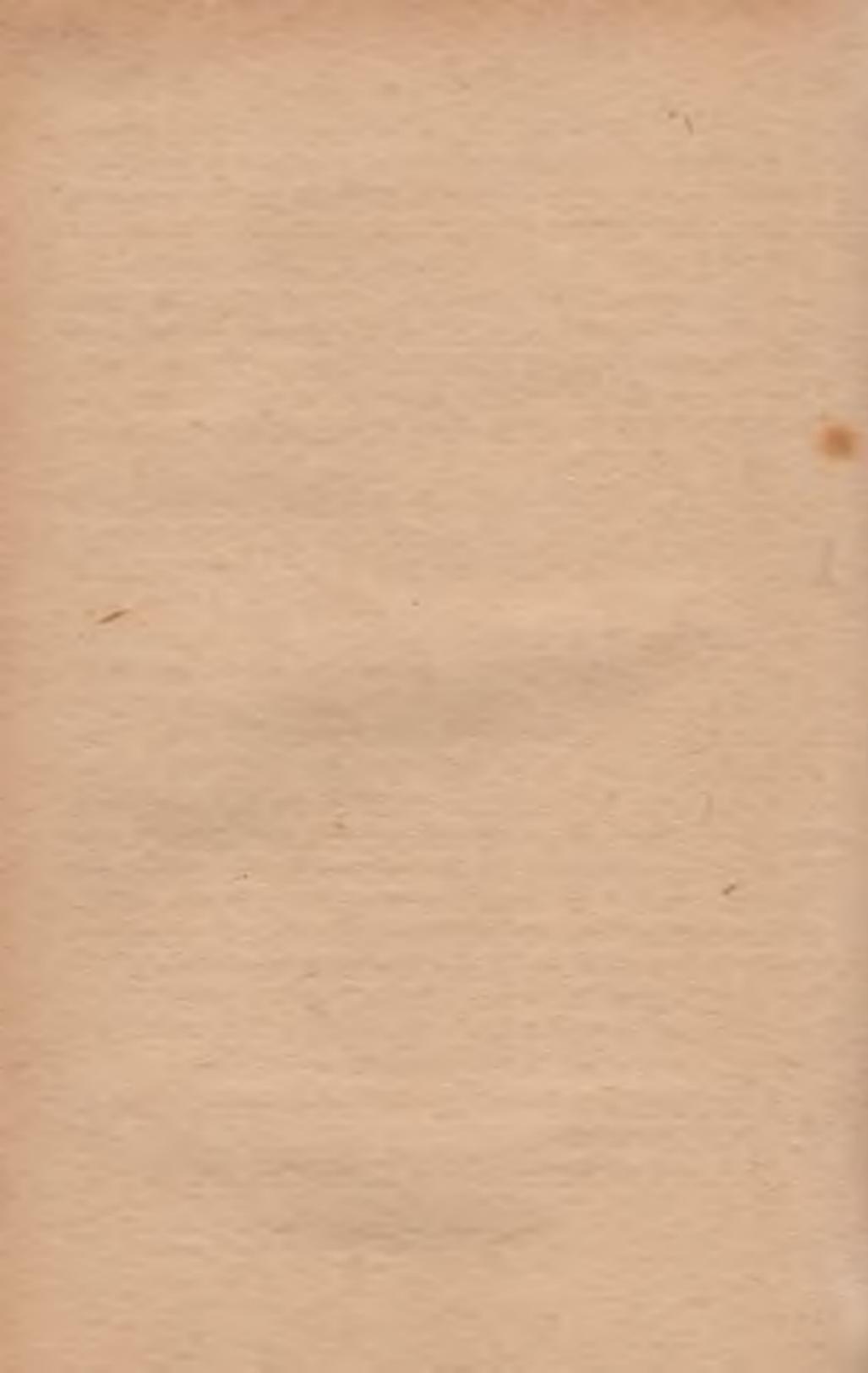
Como pensou continuamente em nós, quando estava na terra, não nos esquecerá no Céu. Conservaremos sempre nos corações a memória sagrada da sua vida e procuraremos pôr em prática seu constante e ardente pedido de permanecermos unidas a Deus e fiéis à nossa vocação de Filhas do “Sacré-Coeur de Marie”.

Sei que não preciso recomendar a alma de Nossa Reverenda Madre às suas orações.

Partilhando com todos a nossa grande dor e com grande estima,

Sua muito dedicada em Nosso Senhor.

SR. M. GERARD, R. S. C.M.



Città del Vaticano.
Aprile, 24.1940.

Às Religiosas do “Sacré-Coeur de Marie”
Marymount, Tarrytown. N. Y.

Santo Padre exprimindo condolências morte
Madre Geral prometendo orações manda Benção
Apostólica Comunidade penhor conforto celestial

CARDEAL MAGLIONE.

(Leu-se esta mensagem do Santo
Padre, do altar, após a Missa solene de
REQUIEM — Sexta-Feira, 26 de Abril).



NÃO VIESTES MAIS . . .

Adaptação do Inglês

(Poesia, recordando a tarde de 3.^a feira, em que as acadêmicas e universitárias de Marymont-College, à porta da Capela, junto à estátua do anjo, se reuniam para saudar a nossa querida Madre Geral, cada semana).

Parece-me que o Anjo, à porta da Capela,
Olhara em vossos olhos... e neles vira a luz
Do Amor Divino que iluminava a vossa face,
Cada vez (foram tantas!) que por ele passastes,
Viu-vos o anelo ardente no imo do vosso peito,
Ouviu-vos a prece múrmura, bem junto de Maria...
Mas, ao sentir falta de vossos passos na escada,
Turbou-se-lhe o semblante: sabia vossos cuidados
Por quantas ali rezavam na Capela desolada...
NÃO VIESTES MAIS.....
A trombeta tremeu, então, nas mãos angélicas,
E rompeu, dolorosa, num longo e eterno apelo...
Só ressoaram ecos no silente corredor.....
Mas sorristes do além, ao perceber-lhe a angústia,
Que as notas recolhidas pelos coros celestes
Tombem vos atingiram, chamando-vos... e VIESTES!
Não com o passo de outrora, que o tempo já passou...
Na agilidade do espírito, porém, que, presto, corre!
Sabieis: esperávamos, no encontro habitual
De cada terça-feira, nós, filhas, p'ra vos saudar...
Oramos e escutamos... dissemos nossa prece,
Ouvieis, não hesitamos: estaveis junto a nós...
Não é certo que a Deus e à nossa Mãe Divina
Uma benção pedieis p'ra cada filha a orar?
Sentiamos, vós plaináveis, perto ao genuflexório...
E o vosso "Louvado seja", saudosas, adivinhamos,

Naquele tom inefavel que ninguem pode imitar...
Segui-nos, assim, invisivel, através a vida, os anos,
Té que o apelo do anjo tambem p'ra nós ressoe...
E então, ao céu chegando, bem junto de Maria,
Nós vos veremos, Mãe, bondosa, a nos sorrir...
E, acolhendo-nos, meiga, direis com alegria:
“DEUS E’ AMOR, minhas filhas! DEUS E’ AMOR! ^{podeis}
[vir!”

EPILOGO



EPILOGO

Acabo de traduzir as Circulares anuais de nossa mui Revda. Madre Maria José Butler, dirigida às suas queridas Filhas, durante os quatorze anos que governou o Instituto do “Sacré-Coeur de Marie”. Tenho a alma cheia de ecos, a repetir pelas quebradas do meu reino interior os seus ensinamentos e as doces harmonias que lhe escaparam em afetos maternos do grande coração. Como não a sentir presente, após a meditação prolongada de quase dois meses, no sossego das férias, dessas páginas que são fruto de experiência espiritual e dos ardores do zelo pelas almas de suas filhas e o bem real, profundo do Instituto que, depois de Deus e de Maria, constituiu na terra o seu maior amor?

Evoco-a, ao encerrar do meu trabalho, na saudade que repercute, através cartas e entretenimentos dos que melhor a conheceram. O que não referem estes, acerca dos admiráveis dons com que o Senhor a exornou?

Morreu cheia de anos, no dia imediato— feliz presságio! — ao das suas Bodas de Diamante... Sessenta anos de Vida Religiosa, não nos cálculos da mediocridade, mas nos planos elevados do amor

de Deus e caridade apostólica! Fruto amadurecido ao Sol Divino a que a expusera a prática sublime da contemplação e do Qual sua vida interior e sacramental recolhera a benéfica influência... fruto desenvolvido ao movimento de irradiante apostolado... Colheu-o Deus, para o Céu, em avançada idade, ainda que em pleno vigor moral até ao termo: estava para completar os oitenta anos!

Prepara-se nos Estados-Unidos — onde mais intimamente era conhecida, por lá ter vivido perto de trinta e sete anos! — a sua Biografia, para a edificação de quantos tiverem a ventura de a ler! prepara-se, para se conservar a sua memória, tesouro dos exemplos e de virtudes! Enquanto a esperamos, estas páginas a farão conhecida entre nós.

Já na introdução, relanceamos o espírito pela sua existência benfazeja. Transcrevemos ainda, do panegírico pronunciado na missa solene de corpo presente por S. Excia. Revma. D. James E. Kearney, Bispo de Rochester, na Capela de Marymount-College, os tópicos que melhor a caracterizam. E' um último preito deste opúsculo à sua memória gloriosa:

“Há sempre, no estudo das vidas daqueles que passaram para além-túmulo, certas virtudes particulares que se distinguem. Entre as da Revda. Madre Butler, quereria realçar a confiança inabalável em Deus e a dedicação infatigável às suas meninas.

Primeiro, sua confiança inabalável no Senhor: Sabemos que a história de sua vida é semelhante à da maioria das religiosas: num dado momento, apresentou-se deante de Deus e, prostrando-se, ofe-

receu-lhe mente, corpo, alma, afeições, pondo tudo à disposição de Jesús-Cristo. Em seguida consagrou-se à glória de Deus com tal ardor que os pensamentos, palavras e atos se lhe transformaram. Nesse programa sobrenatural fez consistir seus anseios e única vocação na vida: fez-se instrumento nas Mãos Divinas. As esperanças de Deus tornaram-se suas esperanças; a satisfação dos desejos divinos, suas ambições; curvava-se às provações que lhe enviava a Providência; nos desalentos, tinha os olhos em Deus. Baseando o árduo problema da educação moderna para a jovem moderna nas antigas tradições cristãs, sentiu o peso da tarefa que empreendia.

Os estudos modernos inclinam-se ao enciclopedismo. Desorienta-se o espírito no “complicado” dos programas. Concentram-se estes no cientismo materialista. Madre Butler viu isto, compreendeu os esforços enérgicos que lhe cumpria desenvolver, para empregar este sistema das antigas tradições religiosas educativas, únicas eficientes e, entre todas, as mais belas. Quantas dificuldades! Sentia, entretanto, que a fidelidade à vocação lhe impunha salvar o que essas tradições encerram de ideal pureza e formosura, aceitando ao mesmo tempo o desafio das normas difíceis do nosso século!

Conseguiu? — Sim, pela inabalável confiança em Deus e, ao entrar cada dia na capela, parecia-lhe perceber, ressoarem-lhe aos ouvidos: “Adjutorium nostrum in nomine Domini: qui fecit coelum et terram”. Pesar-lhe-ia a censura da Igreja, se alguma vez fosse tentada a julgar impossível a solução do problema.

Jamais esquecera que Deus fez o céu e a terra e que insignificante era o problema, comparado

à majestade do Seu Poder! Agora, circunvagando o olhar, vemos a resposta divina a tamanha confiança, na grandiosa obra de Marymount-College, e dos educandários americanos do “Sacré-Coeur de Marie”.

A segunda qualidade saliente do carater da Rvda. Madre Butler foi a sua dedicação às meninas. Daí, o desvanecimento com que delas falava. Entendia consistir sua vocação em aproximá-las mais dos Sagrados Corações de Jesús e de Maria e alicerçar-se a santidade da juventude cristã na devoção a Nossa Senhora. Estava convencida de que Jesús-Cristo, admitindo na obra da Redenção da raça humana sua Mãe Imaculada, tinha por fim purificar o mundo com a presença de Maria. Devoção à Virgem significa preservação da pureza e da modéstia, virtudes caracteristicamente femininas. Rejeitando a devoção a Nossa Senhora, as seitas que se dizem cristãs, provocaram, como consequência natural desse desprezo, a perda da pureza do mundo. Inspirando aos corações juvenís das que devem ser na América as mães de amanhã, forte e filial devotamento à Virgem Mãe de Deus, armou-as Madre Butler de um escudo protetor à própria pureza e deu-lhes um meio de santificar os próprios lares. Sabia que legava aos Estados-Unidos alguma cousa que o dinheiro gasto na educação universitária não poderia pagar: a santidade do coração da mulher. E foi assim que exprimiu seu amor materno às suas filhas.

Estas duas virtudes: sua confiança em Deus e grande amor pessoal às meninas formam, a meu ver, as qualidades mais salientes do carater da Madre Butler.

Era ela uma grande mestra, porque conhecia duas entidades: seu Deus e a alma da jovem! Constituíram-lhe os dois grandes amores da existência. Na história da sua fidelidade a esses amores sintetizou-se a história de sua vida”.

.....

E nada mais acrescentemos a esta palavra emanada de tão alta autoridade e que traduz tão bem o aspecto da missão educativa da personalidade de nossa Revda. Madre Geral.

Que nos proteja do Céu aquela que tanto nos amou na terra e que com tanto carinho nos chamava com as ternas expressões de: “filhas queridas, filhas muito amadas!”

R. I. P.



INDICE

Introdução	7
Circular do ano de 1927: O Santo Sacrifício da Missa	17
Circular do ano de 1928: Os santos desejos	23
Circular do ano de 1929: "Adquirir o amor de Deus pela fidelidade à vida comum e aos atos de amor"	29
Circular do ano de 1930: O espírito de mortificação	35
Festa das Bodas de Ouro da Revda. Superiora Geral	41
Circular do ano de 1931: O Santo recolhimento ..	53
Circular do ano de 1932: O Sagrado Coração de Maria	59
Circular, comunicando o Indulto de 22 de Outubro de 1931	67
Circular, relatando a 1. ^a fase do governo da Revda. Madre Maria José Butler	71
Circular do ano de 1933: O zelo apostólico	77
Circular, comunicando audiência de S. S. Pio XI e escolha de S. Emcia. o Cardeal Lépicier, como Protetor do Instituto	85
Circular do ano de 1934: Zelo de nossa santificação pessoal	93
Circular vinda de Roma, contando audiência pontificia em que há referência especial de S. S. ao Brasil	99

Circular do ano de 1935: Confiança na assistência divina	105
Circular do ano de 1936: "Nada recusar a Deus"	113
Circular do ano de 1937: A vida conforme à nossa vocação	119
Circular do ano de 1938: A união	125
Carta de S. Emília, o Cardeal Pacelli, após o Capítulo Geral de Agosto de 1938	133
Circular para o ano de 1939: União mais íntima com Deus	137
Circular para o ano de 1940: Imitação das virtudes do Sagrado Coração de Maria	145
Referência à doença e morte da Revda. Madre Geral	153
Carta da Revda. Madre Provincial dos Estados Unidos, comunicando a morte santa da Revda. Madre Geral	155
Telegrama do Santo Padre	159
"Não viestes mais..." (poesia)	161
Epílogo	165

